

# CADERNO DE LITERATURA

Porto Alegre - Junho de 2009 - Ano XIII - nº 17



**AJURIS**

Associação dos Juizes  
do Rio Grande do Sul





**CAPA** - XILOGRAVURA DE ADRIAN NORNBERG -  
INTITULADA "JOGO DO OSSO",  
DIMENSÕES: 85 X 108 X 4CM

**CONTRACAPA** - OBRA INTITULADA "SOU EU, O  
HOMEM", AMPLIAÇÃO FOTOGRÁFICA DIGITAL, DE KÁTIA  
COSTA. DIMENSÕES 50 X 70CM.

ESSAS OBRAS GANHARAM MENÇÃO HONROSA NO PRÊMIO JOÃO SIMÕES LOPES NETO DE ARTES VISUAIS, QUE CONTOU COM 73 TRABALHOS INSCRITOS.



**CADERNO DE LITERATURA** - Fundado em 13 de junho de 1996. Não é vendido. Distribuição dirigida. Atendemos pedidos na medida do possível. Todos os autores que contribuíram nesta edição cederam as suas manifestações artísticas de forma gratuita. Os autores dos textos são responsáveis pelo seu conteúdo. É permitida a transcrição e a citação dos textos deste Caderno desde que haja crédito aos autores e menção deste Caderno como fonte. Aceitamos textos e obras de arte para publicação, reservando-nos a faculdade de publicá-los ou não. Os textos devem ser enviados por meio eletrônico. Os enviados por meio impresso não serão devolvidos.



**AJURIS**

Associação dos Juizes  
do Rio Grande do Sul

**CONSELHO EXECUTIVO - GESTÃO 2008/2009**

**PRESIDENTE:** Carlos Cini Marchionatti

**VICE-PRESIDENTE ADMINISTRATIVO:** Marco Aurélio Martins Xavier

**VICE-PRESIDENTE DE PATRIMÔNIO E FINANÇAS:** Cristiane Hoppe

**VICE-PRESIDENTE CULTURAL:** Vanderlei Deolindo

**VICE-PRESIDENTE SOCIAL:** Cacildo de Andrade Xavier

**DEPARTAMENTOS VINCULADOS À VICE-PRESIDÊNCIA CULTURAL**

**DIRETORA DA ESCOLA SUPERIOR DA MAGISTRATURA:** Íris Helena Medeiros Nogueira

**VICE-DIRETORA DA ESCOLA SUPERIOR DA MAGISTRATURA:** Vera Lucia Fritsch Feijó

**DEPARTAMENTO DE REVISTA DA AJURIS:** Elaine Harzhein Macedo

**COORDENADOR DO CONSELHO EDITORIAL:** Nereu José Giacomoli

**REVISTA MULTIJURIS - 1ª GRAU EM AÇÃO:** Maira Grinblat

**COORDENADORA DO CONSELHO EDITORIAL:** Eliane Garcia Nogueira

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO CULTURAL:** José Carlos Rolhano Laitano

**SECRETÁRIA DO CADERNO DE LITERATURA:** Paula Morales

**COORDENADORA DE ARTES PLÁSTICAS:** Sônia Heinz

**COORDENADOR DO CORAL:** Irineu Mariani

**CONSELHO EDITORIAL (em ordem alfabética):**

Antônio Sanseverino, Jane Tutikian, José Carlos Laitano, José Nedel, Mônica Esteve Ruschel, Myriam Dutra, Ruben Daniel Castiglioni, Sônia Maria Heinz e Wilson Carlos Rodycz. Intelectuais, especialistas em diversas áreas do conhecimento, analisarão os textos enviados considerando a forma e conteúdo do material, examinando qualidade e oportunidade, todavia sem descuidar do princípio norteador deste Caderno como espaço destinado precipuamente aos associados da AJURIS, com maior e menor experiência no escrever, e inclusão dos demais escritores, parceiros da comunidade, que engrandecem a publicação.

**JORNALISTAS RESPONSÁVEIS:** Cleber Moreira (MTb 7691), Lisiane Mello Oviedo (MTb 12.123) e Elaine Carrasco (MTb 7535).

**REVISÃO:** Flávio Dotti Cesa

**PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO:** Kátia Ozório [Artífice Design Estratégico]

**IMPRESSÃO:** Gráfica Trindade

**ENDEREÇO:** Rua Celeste Gobbato, nº 81 - CEP 90110-160 - Porto Alegre - Fone: (51) 3284-9119

[www.ajuris.org.br/literatura/cadernos.htm](http://www.ajuris.org.br/literatura/cadernos.htm) - Email: [cultural@ajuris.org.br](mailto:cultural@ajuris.org.br)

**APOIO:** BANRISUL S.A.

**TIRAGEM:** 10 mil exemplares



A partir deste número o Caderno de Literatura tem a coordenação de Wilson Rodycz, Ruben Daniel Castiglioni, José Nedel, Sônia Maria Heinz, Mônica Esteve Ruschel, Myriam Dutra e José Carlos Laitano. Contrariando a vontade dos nomes mencionados, indico a razão pela qual eles assumem tais posições de destaque na cultura nacional.

**Wilson Rodycz**, desembargador jubilado pelo TJRS, é escritor e editor (Rodycz & Ordakowski Editores - www.roeditores.com.br). Foi diretor da Escola Superior da Magistratura; membro do Memorial do Judiciário gaúcho, do conselho editorial da publicação AJURIS 60 anos, do Projeto Memória da Escola Superior da Magistratura. Dirige a implantação do projeto Memória AJURIS.

**Ruben Daniel Castiglioni** é pós-doutor em Letras pela UIB, Espanha. Leciona na Faculdade de Letras da UFRGS. Escritor. Coordena a implantação do projeto Literatura e Direito, parceria entre a Faculdade de Letras da UFRGS e o Departamento de Cultura da AJURIS.

**Sônia Maria de M. Heinz** é graduada em pintura e desenho pela Escola de Artes da UFRGS. Pintora e ceramista. Foi desenhista gráfica e diagramadora da Editora Globo. Curso de aperfeiçoamento em pintura na Escola de Artes da UFRGS. Lecionou Desenho e Propaganda no Colégio de Aplicação da UFRGS e no curso de Artes Gráficas da Fundação Universitária de Criciúma - SC.

**José Nedel** é juiz de Direito jubilado. Poeta. Bacharel em Letras Clássicas, Filosofia e Direito. Doutor em Filosofia. Lecionou na PUCRS (Faculdades de Filosofia e Direito), UFRGS (Faculdade de Educação, disciplina vinculada ao Direito), UPF/Passo Fundo (Faculdades de Filosofia e Direito), Unisinos (cursos de mestrado e doutorado).

**Mônica Esteve Ruschel** é artista plástica, formada pela UFRGS, com ênfase em gravura. Trabalha com restauração cerâmica, sua atual atividade profissional. Participa do grupo de pesquisas em técnicas antigas de revelações fotográficas da Universidade Federal. Suas principais exposições coletivas aconteceram no Saguão do Instituto de artes, UFRGS, Litografias, em 2006, no Museu de Artes do Rio Grande do Sul, fotografia, em 2007 e no DC Shopping Navegantes, ESSA POA É BOA, fotografia, 2007/08, que recebeu o Prêmio Açorianos em Arte Destaque em Projeto Alternativo de Produção Plástica.

**Myriam Dutra** tem formação em Artes Plásticas/Análise de Língua e Literatura. Mestrado em Ciências da Comunicação e doutoranda em Comunicação Social (PUCRS). Integrante da ACEA-Federação Internacional d'Artistes Plásticos - I Visuais (Barcelona) e da Accademia Internazionale Greci-Marino - Accademia Del Verbano, di Lettere, Arti, Scienze, Itália.

Como se vê, o Caderno está em boas mãos.

3

José Carlos Laitano  
Diretor do Departamento Cultural  
www.josecarloslaitano.com

CADERNO DE LITERATURA AJURIS

# Sumário

SIMÕES LOPES NETO SEM BARREIRAS R. D. Castiglioni

AOS LEITORES Wilson Carlos Rodycz

VIII CONGRESSO DE MAGISTRADOS DO RS Vanderlei Deolindo

O BOI VELHO João Simões Lopes Neto

LINHA DE TEMPO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

MBOITATÁ, DE LUZ E DE SABER José Carlos Laitano

PERMANÊNCIA E ATUALIDADE DE

JOÃO SIMÕES LOPES NETO Aldyr Garcia Soblee

PAMPA E SERTÃO: FRONTEIRAS Luis Augusto Fischer

PELOTAS Mario Osório Magalhães

INSTITUTO JOÃO SIMÕES LOPES NETO

ALCIDES DE MENDONÇA LIMA Wilson Carlos Rodycz

ACADEMIA PELOTENSE DE LETRAS Zênia de León

ORIGAMI: A ARTE EM DOBRAR PAPEL Terezinha Faschuck Rodycz

ANO DA FRANÇA NO BRASIL Christophe Baneet

GUMA GOMERCINDO DA SILVA PACHECO Walmir Ayala

PELOTAS Zênia de León

VITA BREVIS Aplo Cláudio de Lima Antunes

FONTE Nelson Oscar de Souza

FERNANDO PESSOA

FEDERICA Jane Tutkian

PIERLEQUIM Marizá Baur

VINHO DE PALAVRAS Carlos Saldanha Legendre

CONVERSA Antenor Pékoto de Castro

BAR ESPERANÇA Danielle Martins Cardoso

CORAÇÃO DE PEDRA José Nedel

BUMERANGUE Mafalda dos Santos

TE-ENSINANDO A AMAR PORTO ALEGRE Jane Fischmann

ENTREGA ESPECIAL Heló Bello Barros

DESCRIÇÃO HONESTA DE SI MESMO... Crislaw Milkisz

A ALMA DE EDUARDO Marcio Marpelo Rocha Dias

FERNÃO LOPES José Vellinho de Lacerda

COLABORAÇÃO COM A EDIÇÃO: GRUPO AFLECHA

DÂNIA MOREIRA

4  
5  
5  
6  
8  
9  
10  
12  
20  
22  
24  
25  
26  
28  
29  
30  
30  
31  
31  
32  
36  
37  
37  
38  
40  
40  
41  
42  
43  
44  
46  
48  
49



# Simões Lopes Neto sem barreiras

O Caderno de Literatura recebeu diversos textos para publicação, a maioria de excelente conteúdo. Foram contos, poemas, resenhas, projetos e análises que poderiam ter sido publicados não fosse pelos limites de espaço que toda revista possui. A pesquisadora pelotense Loiva Hartmann, por exemplo, toma o autor homenageado como referência e busca a identificação com as literaturas uruguaia e argentina – aqui é interessante destacar a recente publicação em Montevideu da primeira tradução ao castelhano dos Contos Gauchescos feita por Román García Arrospide.

São muitos os estudos que se realizam atualmente sobre Simões Lopes Neto nos cursos de Letras das diferentes universidades do Rio Grande do Sul. Isso se deve ao fato de o escritor não ser considerado um simples autor, mas “um nome obrigatório em qualquer curso de Letras que se queira sério e representativo”, conforme escreve a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva.

As referências de pesquisa da obra de Simões Lopes Neto vêm desde João Pinto da Silva (o primeiro a valorizar o escritor) e Augusto Meyer, passando por Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Reverbel, Raimundo Faoro, Regina Zilberman, Flávio Loureiro Chaves, Antônio Hohlfeldt, Aldyr Garcia Schlee, Lígia Chiappini e Luís Augusto Fischer, entre outros críticos importantes que já se debruçaram – e ainda se debruçam – sobre a obra simoneana. Para o professor e especialista no tema, Antônio Sanseverino, ao trabalhar com a obra de Simões Lopes Neto haveria pelo menos três linhas de estudo. A primeira seria a da sua inserção na literatura sul-rio-grandense. A segunda, a da entrada na literatura brasileira, indo para além do âmbito regional. A referência mais marcante nesse sentido estaria dada pela edição organizada por Aurélio Buarque

de Holanda (Editora Globo), com prefácios, textos críticos e um glossário que indicava a diferença regional como uma possível barreira para o leitor brasileiro. Nesse caso, temos a repercussão de Simões sobre Guimarães Rosa – tema que é abordado nesta edição pelo professor Luís Augusto Fischer. A construção de Riobaldo, como narrador de Grande Sertão: Veredas, derivaria diretamente da construção de Blau Nunes, narrador dos Contos Gauchescos. A terceira linha de estudo vincularia Simões Lopes Neto à tradição de uma literatura do pampa, do gaúcho, e a referência imediata seria a obra do escritor argentino José Hernández, com seu conhecido e festejado Martin Fierro.

Simões Lopes Neto, ilustre pelotense, enriquece enormemente esta série de publicações da AJURIS.

Rubem David Castiglioni

**Concurso Literário**

**“JOÃO SIMÕES LOPES NETO”**

**PARTICIPE!**

*Texto versando sobre a obra do escritor*

Prazo de apresentação  
De 15 de abril a 15 de maio de 2009

Prêmio:  
eTCs e notebooks

Categorias  
Estudantes de nível fundamental; estudantes de nível médio;  
estudantes de nível universitário; livre

Entrega dos Prêmios  
19 de junho de 2009  
Durante o VIII Congresso Estadual da Magistratura, em Pelotas

Regulamento e ficha de inscrição no  
Fórum de Pelotas (sala da Ajuris) ou no site: [www.ajuris.org.br](http://www.ajuris.org.br)

Patrocinadores:

AJURIS  
Associação dos Juizes de Direito do Rio Grande do Sul

Ajuris, UFRGS, UEPel, Prefeitura Municipal de Pelotas, Conselho Municipal de Educação de Pelotas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



# Aos leitores:

Este Caderno se destina a ser lançado durante o VIII CONGRESSO DE MAGISTRADOS ESTADUAIS, realizado pela AJURIS entre os dias 18 e 20 de junho de 2009, em Pelotas. Destaca a figura de João Simões Lopes Neto. A ideia de que para sermos universais temos que cantar a nossa aldeia, proclamada por Tolstói, aplica-se com justeza ao homenageado, autor de Contos Gauchescos, Lendas do Sul e muitos outros livros, que retratou este pedaço de Brasil com todo o seu colorido peculiar. A publicação do conto "O boi velho", um dos mais representativos, certamente despertará interesse pela leitura das suas obras.

Com o apoio de várias Instituições, visando fomentar a participação da comunidade no evento, a AJURIS organizou ainda um Concurso Literário, consistente na elaboração de texto

sobre a obra do escritor, sendo premiados os vencedores. Notórios conhecedores do tema foram encarregados da avaliação dos trabalhos recebidos. O resultado foi divulgado no dia 15 de junho e a entrega dos prêmios, em 19 de junho de 2009, nas dependências do Instituto João Simões Lopes Neto, integrando a programação do Congresso.

Estampamos ainda pinturas produzidas por ocasião do Prêmio João Simões Lopes Neto de Artes Visuais, promovido pelo Instituto em 2008, bem como variada produção literária em prosa e poesia e obras artísticas da autoria de magistrados e de colaboradores.

Wilson Carlos Rodycz

## VIII CONGRESSO DE MAGISTRADOS DO RIO GRANDE DO SUL - 18 a 20 de junho de 2009 - Pelotas

O VIII Congresso Estadual de Magistrados do Rio Grande do Sul, realizado em 2009 pela AJURIS - Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, de forma inédita nos Pavilhões da Fenadoce, na Comarca de Pelotas, além de prestigiar a região Sul do Estado, simboliza o propósito de implementar a aproximação da Magistratura da população em geral. Os Juizes são pessoas do próprio povo, apenas selecionadas por rigoroso concurso público que exige formação jurídica de excelência, associada a dotes morais e conduta ilibada. Esses atributos legitimam o ato de julgar na busca da realização de Justiça, voltada à manutenção da paz social em favor das comunidades onde os Juizes atuam e servem.

O tema do Congresso, "O Poder Judiciário e a Concretização dos Direitos Humanos", bem expressa a preocupação da Magistratura com a melhoria do funcionamento da estrutura judiciária, e a conseqüente concretização dos temas de relevância social, como acesso à justiça, administração judiciária, direitos do idoso, da criança e do adolescente, da mulher, execuções criminais, direito à saúde e outras políticas públicas, direitos consagrados no Estado Democrático de Direito estabelecido na Constituição Federal.

Vanderlei Deolindo | Vice-Presidente Cultural da AJURIS



# O boi velho

TEXTO ESTABELECIDO POR ALDYR GARCIA SCHLEE EM SUA EDIÇÃO CRÍTICA DE "CONTOS GAÚCHES-COS E LENDAS DO SUL", DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO, TEL/UNISINÓS, 2006.

Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem!

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga se não é mesmo!... Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, duns Silva mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

Lá vê... o banheiro não era longe; podia-se bem ir lá, de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzinha, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajudasse.

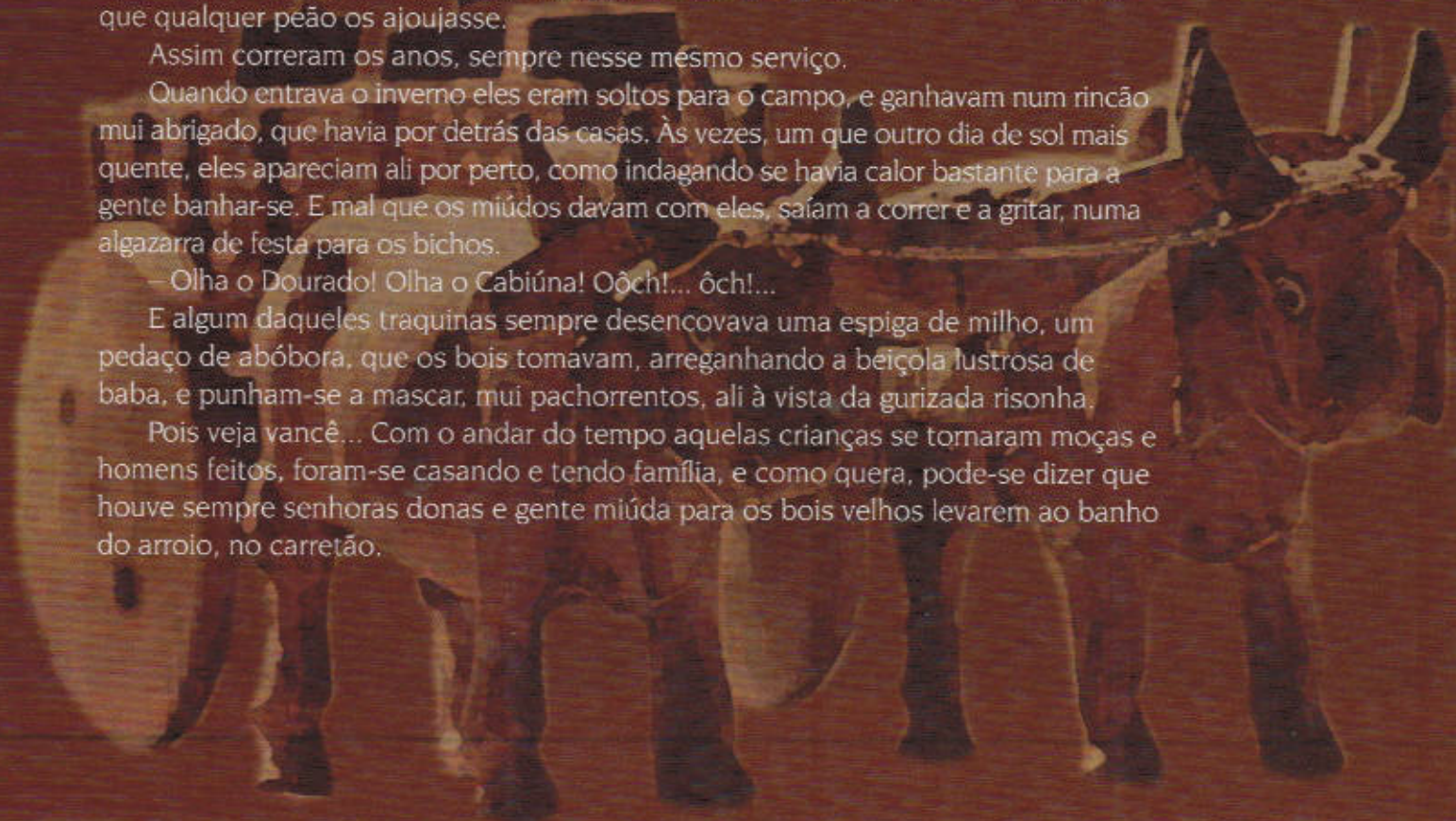
Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

— Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... ôch!...

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beiçola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como quera, pode-se dizer que houve sempre senhoras donas e gente miúda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.





Um dia, no fim do verão, o Dourado amareceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho – uêh! tinha caraca grossa nas aspas! – o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

– Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!...

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro ruim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Bichos malditos, estes encarvoados!...

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso, também...

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.

Foi um alvoroço na miuçalha.

– Olha o Cabiúna! o Cabiúna! Oôch! Cabiúna! oôch!...

E vieram à porta as senhoras donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

– Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo da alguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

E já gritaram a um peão, que trouxesse o

laço; e veio. À mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansado sobre o muchacho.

O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumante do sangue do coração...

Houve um silenciosito em toda aquela gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregoço de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado...

– pois vancê creia! – : soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando, o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido, no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

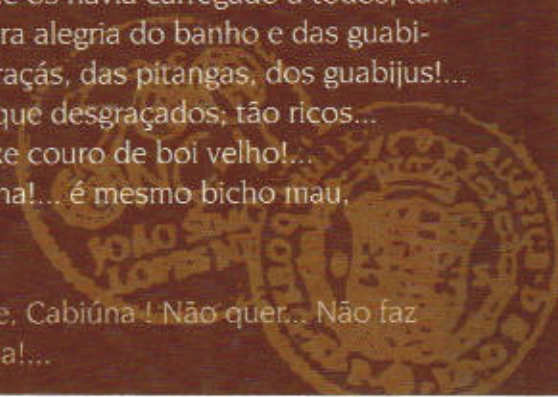
Os cuscos pegaram a lamber o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e metendo-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

– Tome, tabiúna! Nó té... Nó fá bila, tabiúna!... \*

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!... Veja vancê, que desgraçados, tão ricos... e por um mixe couro de boi velho!...

Cuê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!

\* – Come, Cabiúna! Não quer... Não faz birra, Cabiúna!...





**1865** Nasce em Pelotas a 9 de março.

**1888** Escreve para o Jornal "Pátria", seção "Balas de Estalo", com o pseudônimo "Seratim Bernol"

**1893** Escreve em "Comandita Literária" a novela urbana "A Mandinga"

**1894** Estreia a comédia-opereta "Os Bacharéis"

**1895** Escreve para o Jornal "Diário Popular" - retoma a seção "Balas de Estalo" e estreia com a técnica teatral, de personagens da sociedade local, na seção "A Semana Passada"

**1896** Cria a coluna "Semaninha", usa o pseudônimo "João do Sul", escreve artigo sobre jornalismo e lança a revista "Coió Júnior", estreia mais duas peças teatrais, "Mixórdia" e a "A Viúva Pitorra"

**1898** É encenada a peça "O Bicho", retratando o entusiasmo do povo pelo jogo do bicho

**1900** Apresenta mais duas peças: uma cena dramática "O Palhaço" e uma comédia "Fifina"

**1901** Ainda no teatro, lança as peças "Jojô e Jajá e não foiê e Jalá" e "Amores e Facadas"

**1903** Publica a peça teatral "O Maior Credor"

**1904** Lança os livros didáticos "Educação Cívica" e "Artinha da Leitura"

**1905** Publica o segundo volume dos Anais da Biblioteca Pública Pelotense "A Cidade de Pelotas"

**1906** Lança uma coleção de 25 cartões-postais "Coleção Brasileira de Vulgarização dos Fastos da História Nacional"

**1908** É lançada a segunda coleção de cartões "Coleção Brasileira"

**1909** Publica a lenda da "M'bolatá", lança o conjunto de documentos e fotografias sobre Bento Gonçalves da Silva "Glória Farrroupilha"; na "Coleção Brasileira", lança o "Painel Farrroupilha"

**1910** Publica a conferência "Pedras" no jornal "Correio Mercantil" e é lançado o livro "Cancioneiro Guasca"

**1911** São publicados na Revista da Academia de Letras "O Gringo das Linguças" e "A Recolhida" e no jornal "Diário Popular" o conto "Duelo de Farrapos". É lançado o primeiro número da "Revista do 1º Centenário de Pelotas" e mais a conferência literária "As Jóias"

**1912** Lança os contos: "O Negro Bonifácio", "No Manantial" e "O Penar de Velhos"; também é lançado o livro "Contos Gauchescos". Profero a "oração fúnebre", publica a matéria "Pró-Garibaldi", produz o manuscrito "Arquivo documental ilustrado da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul" e ainda o texto "A Paz"



**1913** Lança uma série de artigos "Uma Trindade Científica", "Inquéritos em Contraste", "Semana Centenária" e "Mercenário-herói! Prostituta-excelsa!". Publica três contos: "A Quinta São Romualdo", "A Enfiada de Macacos" e "O Menininho do Presépio". Profero a conferência "O Menino Jesus"; é lançada a obra "Lendas do Sul", incluindo a lenda "Salamanca do Jarau"; fecha o ano com a crônica "Ano Novo"

**1914** Publica "Casos do Romualdo" em 27 folhetins no jornal "Correio Mercantil"; traduz versos de Francis James; publica a peça teatral "Valsa Branca" e a



crônica "Grande Efeito de uma Causa Mínima"

**1915** Adapta um conto de François Coppée e monta a peça "Sapatão de Bebê"

**1916** Retorna ao jornal "A Opinião Pública" e escreve, com o pseudônimo de "João do Sul", artigos com o título "Temas Gastos"

**1916** Falece em Pelotas a 14 de junho

**1926** Com a iniciativa de Mansueto Bernardi, é lançado o livro "Contos Gauchescos e Lendas do Sul"

**1949** A Editora Globo lança o livro "Edição Crítica dos Contos Gauchescos e Lendas do Sul"

**1952** Reunidos por Carlos Reverbél, são publicados pela Editora Globo os "Casos do Romualdo", pela primeira vez em livro

**1953** A Companhia Antártica Paulista edita o livro "Lendas do Sul"



**1955** Manoelito D'Ornellas publica a obra histórica "Terra Gaúcha".



# Mboitatá, de luz e de saber

José Carlos Laitano

Todo o mundo diz, o mundo todo, que a lenda da Mboitatá tem esse e aquele significado. E aquele outro. Tenho eu também um dito e o digo agora.

A boitatá comeu os olhos das carniças e, depois, de tudo e de quem mais encontrou. Comeu a visão do mundo, de todo o mundo, ficou sabida, sabida demais dos outros viventes, e a sabedoria deve ser transparente e só não fica luzente quando o sabedor entoca-se em seus cantos, como as cobras, com suas verdades, e daí o saber enferruja, escurece e serve para nada.

Simões Lopes Neto escreveu que "tudo o que morre no mundo se junta à semente de onde nasceu, para nascer de novo: só a luz da boitatá ficou sozinha, nunca mais se juntou com a outra luz de que saiu".

E na sua solidão, solidão só, percorre "campos, coxilhas abaixo e lombas acima" e nada comunica. Nada significa.

Quem quiser assenhorar-se do conhecimento da luz da boitatá não basta atirar o laço para apañar a fulgurência, precisa do conteúdo e do dizer. O saber, qualquer saber, a serviço de si mesmo bate "na macega, todo se desmancha e vai esfariando". Simões recomenda ao campeiro precata-do: "reponte o seu gado da querência da boitatá: o pastizal, aí, faz peste".

Tenho dito.



GRAVURAS DO LIVRO DO GRUPO AFLECHA, QUE ILU-  
STRA O CONTO DE SIMÕES  
LOPES NETO.

INTITULADO QUINTA DE SÃO  
ROMUALDO. CADA GRAVURA  
MEDE

5,5 X 5,5 CM.

DOS SEGUINTE ARTISTAS  
(EM ORDEM VERTICAL)

CYLENE DALLEGRAVE,

EDA LANI,

PAULO OLSZEWSKI,

MABEL FONTANA,

LILIA MANFROI,

MARIA TOMASELLI,

MARCOS SANCHES.

LEIA MAIS SOBRE O GRUPO  
AFLECHA NA PÁGINA 48



# Permanência e Atualidade de João Simões Lopes Neto

Aldyr Garcia Schlee



Nas duas primeiras décadas do século XX, João Simões Lopes Neto produziu e reuniu em livro seus *Contos Gauchescos* (1912) e suas *Lendas do Sul* (1913) – publicando-os em mínimas edições de aproximadamente duzentos exemplares, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Os *Contos* e as *Lendas* iniciavam assim, paralelamente (e posteriormente em conjunto), um acidentado percurso editorial: ao mesmo tempo, começavam a cumprir um longo mas florescente itinerário literário, cuja realidade e desenvolvimento continuam sendo objetos de atenção – mais de noventa anos depois –, permitindo que se conclua pelo reconhecimento da permanência e da atualidade da obra simoneana.

Noventa e sete, noventa e seis anos após o surgimento dos primeiros exemplares dos *Contos* e das *Lendas* (seguido do quase sumiço ou extravio dos poucos exemplares, antes da 2ª edição) e depois de um prolongado e demorado processo de divulgação e de aceitação, que teve algum impulso a partir de 1926, com a edição de *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* num único volume, mas só alcançou sua culminância em 1949, com a primeira edição crítica dos dois livros, verifica-se que o interesse despertado pela literatura de Simões Lopes Neto foi e tem sido sempre crescente – e permanece – na medida em que a obra desse autor vem se renovando continuamente através de seguidas e sempre novas leituras; tem proporcionado a discussão e revisão de conceitos sobre sistemas literários regionais e nacionais; e chega a ser objeto de atenção e estudo no âmbito das atividades educacionais. Resultado disso é a produção de uma bibliografia específica que, apesar de desigual, vem sendo cada vez mais numerosa – apontando para a concretização paradigmática do texto simoneano nos quadros da literatura pampeana e brasileira.

A concretização de um texto literário traduz-se na sua capacidade para perdurar, renovando-se continuamente no tempo, através de sucessivas leituras; traduz-se também na sua contribuição para a permanência ou modificação do próprio sistema literário em que se insere; traduz-se, ainda, na influência que possa gerar na produção e recepção de outros textos, produzindo fenômenos de metacomunicação, de apropriação e, inclusive, o de sua própria inserção no sistema de educação literária.



Cabe então buscar e revisar o que se disse e se diz, o que se divulgou e se divulga, o que se comprovou e se comprova sobre Contos Gauchescos e Lendas do Sul – desde os primeiros artigos críticos aos apontamentos, notas, impressões, reportagens e estudos produzidos antes de 1926 e até 1949; desde as edições críticas e as biografias, até as variadas monografias acadêmicas, além de prefácios e apresentações, publicações de inéditos e reedições que se produziram nos últimos cinquenta e cinco anos.

Justificar a atualidade da obra simoneana é verificar os motivos pelos quais ela se mantém viva; é recuperar a fortuna crítica de Simões Lopes; identificar certos sentidos atinentes à obra que mais se propagaram (a autenticidade estilística e temática, a reconstrução do passado histórico, a fidelidade ao meio físico e social, a superação do regional pelo universal, o emprego de originais recursos narrativos).

Para entender a permanência e a atualidade da ficção simoneana é necessário admitir a concretização dos textos literários na sua dimensão histórico-social e perceber o sentido sempre novo que pode tomar uma obra literária, como objeto estético, quando e na medida em que se modificam as condições de sua recepção. Isso quer dizer que é preciso considerar, desde o código literário prevalente no período histórico que condicionou a produção da obra e a sua recepção inicial, até os fatores condicionantes da leitura que acompanharam sua posterior trajetória editorial.

O texto é sempre construído com maior ou menor grau de conformidade ou de ruptura com os códigos literários vigentes; possui originalmente certas características e marcas semióticas que lhe dão um sentido e que ampliam ou

restringem a possibilidade de leitura por qualquer leitor. O leitor é sempre a instância complementar do texto, no processo de comunicação, como receptor que, segundo seus horizontes de expectativas e a variabilidade de sua competência comunicativa e literária, é mais ou menos capaz de captar o sentido do texto e de ser sensível à leitura. E a leitura, como processo de deciframento do texto, é sempre condicionada por fatores que, ligados às estruturas sociais e às possibilidades de comunicação literária, aproximam ou afastam o leitor do texto.

Assim, os autores se justificam e se completam pelos leitores. Sem a participação de um leitor os textos literários não têm sentido: só a interpretação de um leitor evidencia o potencial de sentido proporcionado por um texto literário. Por isso que o significado de um texto literário acaba sempre e necessariamente ultrapassando o seu autor nos outros, os seus leitores.

A obra simoneana precisa ser encarada e descrita no respeito a sua dimensão literária e histórica. João Simões Lopes Neto inverte o modelo descritivo dominante na literatura de seu tempo; inventa e produz geralmente sem acrescentar quase nada de novo; mas fazendo com que os fatos narrados, as relações entre as pessoas, as próprias pessoas e coisas – tudo pareça novo, fique novo, seja novo, como se nunca tivesse existido antes e adquirindo uma transcendência que ultrapassa qualquer limite.

Pelos descaminhos da leitura e da crítica, é preciso seguir – então – os rastros de Blau Nunes, na recuperação da historicidade dos contos e das lendas de ISLN, de modo a reencontrá-lo sempre redivivo, "entre as erosões da morte e as eclosões da vida".



# Pampa e sertão: fronteiras

UM COMENTÁRIO COMPARATIVO ENTRE  
JOÃO SIMÕES LOPES NETO E JOÃO GUIMARÃES ROSA

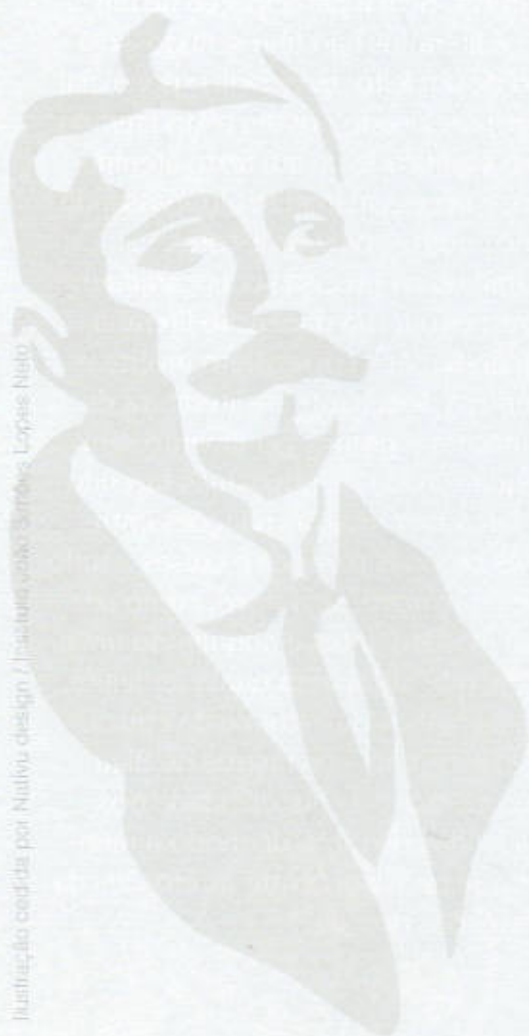
Luís Augusto Fischer | Professor da UFRGS



Entre o mundo da fala e o mundo da escrita costuma haver um abismo. E isso não é só em países jovens como o Brasil, até pelo contrário: quanto mais velho o país, quanto mais tempo há de cultura letrada, maior é a tendência a distanciar a fala, que é sempre dinâmica e mutante, e a escrita, que tende a ser conservadora e estável. Esse fenômeno não é bom nem mau: é um fato da vida.

Mas os fatos da vida podem causar enormes dificuldades quando se aproxima deles uma das habilidades humanas mais sublimes, talvez a mais sublime de todas: a arte. Tramada sempre com os fios da experiência vital, mesmo quando é enlouquecidamente inventiva, a arte procura na vida seus motivos e seu coração — e também sua linguagem. Aqui estamos chegando perto do nervo do tema deste pequeno ensaio: para aquela arte específica que se chama literatura, se impõe definitivamente o problema de saber com que língua, com que linguagem, por meio de quais palavras se pode relatar a vida, transformá-la em beleza, em transcendência, em melancolia, em afeto, em dor, em tudo isso enfim que está na vida e, por isso mesmo, vai reviver na arte.

O prezado leitor perdoe essa conversa inicial, que é necessária para nos posicionar em relação aos dois monstros sagrados cuja arte vai aqui arguida. É que tanto João Simões Lopes Neto quanto outro João, o Guimarães Rosa, o primeiro gaúcho e o segundo mineiro, são artistas superiores da cultura brasileira exatamente porque souberam armar todas as pontes entre a vida e a arte, muito especialmente a ponte da linguagem. Nisso, foram e são mestres insuperados.





Simões Lopes Neto nasceu a 9 de março de 1865, na Estância da Graça, a 29 quilômetros do centro de Pelotas, sul do estado do Rio Grande do Sul. Seu pai, Catão Bonifácio Lopes; sua mãe, Teresa Freitas Lopes. Pelos dois lados descendia de estancieiros da região sul do estado, gente de propriedades largas. Viveu até os onze anos de idade na estância de seu avô paterno, o Visconde da Graça, de quem herdou o prenome. Perde a mãe nesta altura, sendo levado a viver na cidade. Aí estuda por dois anos; depois, é mandado para o Rio de Janeiro, onde se matricula no famoso Colégio Abílio (que Raul Pompéia retratou com amargura em *O Ateneu*). Permanece estudando aí até 1882, quando volta para sua cidade natal, aos 17 anos, onde passa a viver e vem a falecer, a 14 de junho de 1916. (Por muito tempo correu a versão de que teria começado a cursar Medicina no Rio, o que seu amoroso biógrafo Carlos Reverbél desmentiu.) De qualquer forma, vale sublinhar: o mero fato de haver vivido alguns anos da adolescência no Rio de Janeiro, a capital do país e a maior cidade brasileira de então, deverá ter-lhe proporcionado uma experiência forte, tanto da vida urbana em si, quanto do contraste entre a capital nacional e sua cidade sulina, Pelotas, e mais ainda entre a capital e o ambiente campeiro de sua infância.

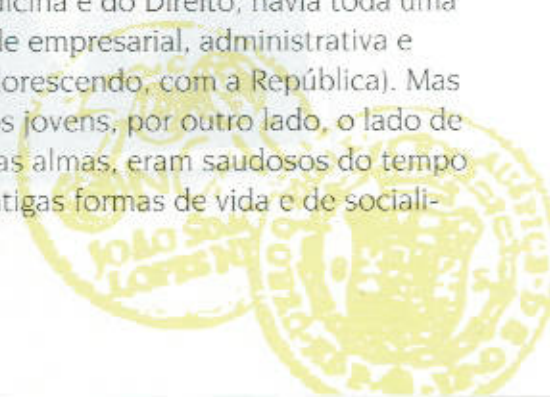
Durante sua vida relativamente curta (faleceu aos 51 anos), desenvolveu várias atividades, sempre na cidade. Foi despachante, funcionário público, jornalista, industrial, corretor, enfim escritor. Compôs peças de teatro e escreveu contos, causos e lendas. Por todas as indicações disponíveis, pode-se afirmar que era um sujeito de grande iniciativa, mas acabou a vida sem dinheiro, e isto apesar de provir de família abastada. Herdou propriedade, mas nunca foi um criador de gado.

Quanto à formação do escritor Simões Lopes Neto, há poucas informações exatas. Consta que lia desde a infância e era de família instruída, com parentes que tinham intimidade com o mundo intelectual, a literatura e a im-

prensa. Talvez mais decisiva que tudo tenha sido sua espontânea decisão — aliada a um tino artístico notável — de registrar o mundo que conheceu em criança e que via transformar-se, naquela virada do século. A chegada da energia elétrica, do automóvel, das máquinas agrícolas modernas, tudo isso mudaria aquele mundo rústico para sempre.

O trabalho intelectual de Simões Lopes Neto é contemporâneo de vários outros, de mesmo sentido e direção, no Rio Grande do Sul e no Brasil, e mesmo no Ocidente como um todo. Em sua geração, apareceram estudiosos e artistas que iriam concentrar suas forças naquela tarefa que veio a chamar-se folclore. O período de sua atividade jornalística e literária também foi relevante para sua carreira: entre 1890 e 1920, mais ou menos, veio à luz um número importante de escritores dedicados a temas "regionais", temas não conectados diretamente à capital do país. Por um paradoxo facilmente explicável, enquanto a turma de Olavo Bilac pontificava no Rio de Janeiro e dominava os ambientes urbanos cultos de norte a sul, dando origem a grupos impressionantes de seguidores parnasianos, em algumas regiões do interior brasileiro experimentava-se um certo crescimento, uma certa elevação dos padrões de urbanidade, porque o progresso irradiava da capital e do litoral para a zona rural. Tinha tal força o processo, que levou escritores, jornalistas e letrados em geral a mobilizar-se em favor do registro das transformações que aconteciam sem cessar.

Aí entram os escritores como Simões Lopes: muitos filhos da terra, do campo, do interior, estavam experimentando as delícias e os problemas da cidade, ao vivo. Eram jovens preparados para as carreiras urbanas modernas (além da Medicina e do Direito, havia toda uma nova atividade empresarial, administrativa e burocrática florescendo, com a República). Mas estes mesmos jovens, por outro lado, o lado de dentro de suas almas, eram saudosos do tempo velho, das antigas formas de vida e de sociali-







dade, do tempo mais lento do mundo rural que de alguma forma eles haviam vivenciado.

Por isso, não é de admirar que toda uma geração de escritores tenha produzido obras, algumas muito bem sucedidas, a respeito dessa espantosa mudança, que estava soterrando todo um mundo antigo, primitivo, ligado ao cenário rural, e também ligado, no caso do Rio Grande do Sul e de algumas outras partes do país, ao mundo do cavalo, ao mundo das distâncias largas, das tropeadas, mundo que era também aquele da palavra empenhada, da honra e, não menos, o mundo dos causos. Neste grupo de escritores, de valor desigual mas iguados no trato da mesma questão — o da transformação abrupta da vida provincial, especialmente no mundo rural —, o paulista Monteiro Lobato, o mineiro Afonso Arinos, o também paulista Valdomiro Silveira, o baiano Lindolfo Rocha, o maranhense Graça Aranha, o goiano Hugo de Carvalho Ramos, para citar os maiores, e isso sem contar uma forte geração de gaúchos, por exemplo, Alcides Maya, Roque Callage e outros. Esta é a turma de Simões Lopes Neto, grupo de escritores que ele lidera, em matéria de qualidade.

Por que lidera em qualidade? É fácil de explicar essa liderança, tanto quanto deve ter sido um total mistério obtê-la.

Para entender essa razão, vale a pena recuar um pouco no tempo para averiguar quais são os antecedentes da revolução de Simões Lopes Neto.

Desde que o Brasil havia conquistado a Independência, em 1822, os escritores e intelectuais brasileiros se colocaram a responsabilidade de, por assim dizer, inventar o país literariamente. Afinal, era preciso escrever os poemas e os romances que iriam dizer, para o leitor brasileiro, para o compatriota, que povo, que país, que nação constituía o Brasil. Era também preciso mapear o território, o vasto e desconhecido território do jovem país, do Brasil recém-independente. E outra, agregada a esta:





era preciso, era mesmo urgente retratar os tipos humanos que viviam em todos os cantos do mapa nacional. Como eram? O que pensavam? E como falavam?

Estava posto, assim, o problema que iria ser chamado, de modo simplificador e até hoje empobrecedor, de "regionalismo". Porque uma coisa era escrever sobre a cidade, especialmente sobre a grande cidade do tempo, que era a capital, o Rio de Janeiro. Cidade cosmopolita, em dia com as novidades francesas e inglesas, o Rio proporcionava assunto para poemas, peças de teatro, contos e romances, em larga escala. Os talentos dessa matéria logo apareceram, dos mais singelos até figuras notáveis, como José de Alencar, até alcançarmos a graça de um gênio como Machado de Assis.

Mas bem outra coisa era escrever sobre o mundo rural, aquele que também estava se modificando, para sempre. Primeiro, era necessário o conhecimento factual, a vivência empírica. Saber como é que o sol ilumina nos pampas, no sertão ou no pantanal; ter noção do canto dos pássaros e da fúria dos elementos; saber lidar, minimamente que seja, com o cavalo; conhecer enfim as sutilezas que só a vida real no campo pode proporcionar. Segundo, e mais decisivo para a arte que se chama literatura: saber, com a intimidade possível, manejar a linguagem do local. O alcance do significado de uma palavra, que muda conforme a região; a entonação; o ritmo da frase; o colorido das vogais e a rispidez das consoantes. Isso não tem como: para não cair em artificialismo, só mesmo tendo o ouvido e, naturalmente, a alma mergulhados no contexto.

Antes da geração de Simões Lopes Neto, alguns escritores brasileiros andaram tentando fazer literatura com esses materiais, o mundo rural e a linguagem que o caracteriza. Gente de talento, como o citado José de Alencar, que escreveu uma sequência de quatro romances por assim dizer estendidos sobre o mapa do Brasil: começa justamente por *O gaúcho*, em 1870; *O tronco do ipê*, de 1871; *Til*, de 1872; e *O sertanejo*, de 1875. Todos romances de tema

rural, focalizando o mundo do interior do Rio Grande do Sul, do estado do Rio, de São Paulo, do Ceará. Além dele, outros romancistas andaram frequentando a mesma área, como o mineiro Bernardo Guimarães, o cearense Franklin Távora e os gaúchos Caldre e Fião e Apolinário Porto Alegre.

Mas para conseguir fazer a adequada transfiguração da vida em arte não basta conhecer o local e o sotaque desse local, apenas. Muita gente conhece a linguagem de um determinado lugar, e nem por isso será capaz de reproduzir os feitos e os efeitos dela por escrito, na folha de papel. Na obra da geração acima citada, que escreveu sobre o tema rural nos anos 1850 a 1870, pode-se dizer que ocorreu uma combinação de intenção correta com execução problemática, quando não francamente equivocada. Em suma, ocorreu com eles que os aspectos externos da região foram registrados, mas ali não estava a alma, o modo de ver o mundo, os aspectos mais sutis. Ficou um "regionalismo" meio de fachada, para a Corte carioca ver.

A chegada da geração de Simões Lopes é que resolveu acertadamente o problema, ele mais que os outros. Para começar, foi o conto e não o romance o veículo adequado para fazer falar esses mundos rurais em transformação. Por quê? Difícil saber. O certo é que os escritores da geração brotada entre 1890 e 1920 preferiram as histórias breves, talvez porque no tamanho mais curto caibam melhor os "causos", pequenas histórias, muitas vezes com caráter exemplar, ocorridas por ali. Também no conto cabem melhor as lendas e os relatos de assombração. Nosso João Simões Lopes Neto foi exemplar também nisso: depois de começar a publicar livros com uma coleção de poesia popular chamada *Cancioneiro guasca* (1910), ele apresenta as duas joias de sua arte: *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do sul* (1913).

Mais importante: além do conto, houve também uma revolução da linguagem nessa geração. Eles souberam colher, da experiência rural, sertaneja ou pampiana, não apenas os enredos, os personagens e os causos, mas tam-



bém a forma de falar, o sotaque, as inflexões e o colorido da oralidade. Aqui está o pulo do gato, a diferença entre esta geração e aquela de Alencar, diferença que é, no fim das contas, o motivo pelo qual é possível e é válido recolher frases significativas e exemplares, como as que estão neste volume. Nessas frases o que respira é a fala popular rural, transformada em literatura mas com aspecto de pura, espontânea.

Mais uma explicação para o mistério que, de toda a geração, só Simões Lopes Neto soube executar: além dos temas e dos personagens e além da linguagem local, o grande pelotense tirou da cartola uma estratégia narrativa, um jeito de contar as histórias e as lendas. Inventou o velho e sábio-peão, Blau Nunes, que quando começa a falar, para contar as histórias dos Contos gauchescos, tem supostamente quase noventa anos, e portanto já viu coisas que mereciam ser contadas para as novas gerações. Ele presenciara, desde seu presumível nascimento, nada menos que a Guerra da Cisplatina (1825-28), a Guerra (interna) dos Farrapos (1835-45), as turbulências das guerras contra Rosas e Oribe (1851-2), a Guerra do Paraguai (1865-70), de que o Rio Grande do Sul foi protagonista e financiador, e ainda os vários movimentos políticos e militares da instauração da República (1889), os quais, no Rio Grande do Sul, levaram a uma guerra civil

(interna, de novo) conhecida como Revolução de 93 (1893-5). É pouco?

Vivido, experimentado, calejado das batalhas, capaz de entender muito do estranho mundo humano, Blau Nunes é o diferencial da obra simoniana. É sua a voz que fala na maior parte das frases, das sentenças de grande alcance moral, das tiradas filosóficas que aqui estão relacionadas, em coleção exemplar.

Foi uma solução simples, como as grandes soluções artísticas que de vez em quando aparecem no mundo. Simples, mas é preciso reconhecer que alguém precisava pôr de pé este ovo; e Simões Lopes Neto o fez. Depois dele, ficou fácil ver que esse era o arranjo narrativo adequado para relatar o fim do vasto mundo rural brasileiro em sua feição até então conhecida; depois dele, ficou aberta a trilha para Riobaldo, o personagem-narrador de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, personagem que é uma espécie de neto de Blau Nunes. A estratégia narrativa de ambos é, mais que semelhante, idêntica: Blau e Riobaldo relatam o sentido daquele mundo em eclipse histórico para ouvintes que não são dali, daquele lugar, e por isso mesmo não conhecem as coisas antigas. A ética de um e de outro é a mesma: em ambos encontramos a evocação de um tempo passado, em que a honra valia mais que a lei, em que a natureza ameaçava a presença

O sonho do sacristão\*, obra de Elton Manganielli - tríptico (pvA/Acrílico) 3 x (1 x 0,8m). F010. INSTITUTO JOÃO SIMÕES LOPES NETO



\*Essa obra ganhou o prêmio aquisição no Prêmio João Simões Lopes Neto de artes visuais, concedido pelo Instituto João Simões Lopes Neto.



humana incessantemente e por isso requeria coragem, em que até mesmo a propriedade da terra e das armas não era o único valor.

João Guimarães Rosa não nasceu numa grande cidade do interior, como ocorreu com Simões Lopes. Veio ao mundo numa pequena localidade, Cordisburgo, interiorzão de Minas Gerais, cidadezinha que fica, tecnicamente falando, no começo do sertão mineiro, aquele mundo de pedras e espinhos, mas também de veredas (que são como que oásis, em que há olhos d'água e em volta deles as pequenas palmeiras chamadas buritis). Sertão que se alastra dali para o norte, alcançando o estado da Bahia, Goiás e outras partes. Foi a 27 de junho de 1908 que a família do pequeno comerciante Florduardo Pinto Rosa e a dona de casa Francisca Guimarães Rosa viram aparecer o primeiro filho, este nosso João. Na família da mãe havia alguma tradição de propriedades largas, e seu avô materno será hospedeiro do menino quando ele, bem cedo, se muda para a capital do estado, Belo Horizonte, para continuar os estudos, coisa que na pequena cidade natal seria impossível.

Cedo demonstra uma notável habilidade em aprender. Era menino quieto e concentrado, e vivia intensamente os aspectos singulares daquele pequeno mundo em que nasceu. Uma das coisas importantes de Cordisburgo, do ponto de vista histórico, é que a cidade funcionava como um ponto intermediário entre o sertão e a mundo urbano: grandes boiadas sertanejas vinham tocadas a pé, por dias a fio, e ali estacionavam, em algum pasto, até passar o trem que as levaria para os matadouros das cidades grandes. Conduzindo essas tropas naturalmente vinham peões, gente com a sabedoria simples do mundo rural, contadores de "causos", filósofos amadores. A todos, o menino João ouvia, e disso ele retira grande parte da força de sua literatura.

O menino aprende línguas estrangeiras com grande facilidade, a ponto de haver dominado o francês já aos 7 anos, mais ou menos, e de ao longo da vida ler e conhecer em torno de 10

línguas. Mas seus estudos o encaminham para a Medicina (a mesma que João Simões Lopes Neto não seguiu). Formado na capital, vai trabalhar no interior, e logo se depara com os limites da ação médica, quando perde um paciente em seus braços. Entra, como oficial médico, na Força Pública mineira, e quando está trabalhando na cidade de Barbacena é incentivado por amigos a tentar a carreira diplomática, em função de sua habilidade com idiomas estrangeiros. Vai ao Rio, presta as provas e passa com grande destaque, em 1934. Daí por diante, sua vida vai transcorrer entre postos no exterior (Europa e América Latina) e no Rio de Janeiro.

Sua obra tem uma história estranha. Em 1936, ganha um importante concurso literário com um livro de poesias, *Magma*. Nem o fato de ser a Academia Brasileira de Letras a premiá-lo o levou a publicar o volume, que permaneceu inédito até sua morte. No ano seguinte, também ganha um prêmio por um conjunto de contos, que igualmente não publica por essa época. Em 38 vai para a Alemanha, em seu primeiro posto no exterior. Somente em 1946 publica seu primeiro livro — já tinha 38 anos, idade com que a maioria dos escritores já tem obra grande. Era *Sagarana*, conjunto de contos em que se nota logo o empenho em retratar o mundo sertanejo que ele conhecera em menino.

Mais dez anos se passam e finalmente, em 1956, Guimarães Rosa apresenta ao mundo, num espaço de poucos meses, dois livrinhos: *Corpo de baile*, reunião de sete novelas (hoje em dia publicadas em três volumes separados), e a obra máxima, *Grande sertão: veredas*. Vale a pena saber que, mesmo não morando mais na pequena Cordisburgo nem nas imediações do sertão que é sua matéria-prima, o João mineiro organizou sua vida para poder retornar àquele peculiar mundo, como forma talvez de mergulhar existencialmente no tema que queria abordar e que sabia transformar em arte mais do que ninguém. Em 1952, já diplomata requintado, deu um jeito de acompanhar, como se fosse um peão simples, uma boiada verdadeira, uma tropeada sertaneja que andou por





nove dias pelas rudes estradas interioranas de Minas. Segundo se sabe, ele passava o tempo anotando tudo que podia, perguntava tudo e se maravilhava com as respostas. Estava ouvindo a voz do sertão.

Em 1962 publica outro volume de contos, Primeiras histórias, e em 1967 as Terceiras histórias, chamadas com o notável nome de Tutaméia. Aos que perguntavam por que havia as primeiras e depois as terceiras, ele dizia de brincadeira que assim sempre haveria expectativa pelas segundas, que quem sabe apareceriam alguma hora. Mas não teve tempo de escrevê-las, porque faleceu no mesmo ano de 1967, poucos dias depois de haver tomado posse como membro da Academia Brasileira de Letras.

Quando João Guimarães Rosa toma a decisão de escrever, também seu mundo originário está em mudança. Não é mais aquela mudança vivida pela geração de Simões Lopes Neto, que por sua parte havia experimentado a mudança da virada do século 19 para o século 20, a Abolição, a chegada da República, o advento da energia elétrica e do automóvel. Na altura de 1930-1940, era a modernização do governo de Getúlio Vargas, que reorganizou o sistema político e administrativo brasileiro, coisa que só poderia ser feita, segundo a avaliação do hábil político, com a extinção dos verdadeiros feudos existentes em determinadas províncias e nos grotões do país. Getúlio expandiu a ação do Estado para muito além do que se conhecia até então, acompanhando uma intensa industrialização. Para simbolizar essa mudança, pode-se lembrar que foi sob Getúlio que o Brasil perseguiu e derrotou bandos de cangaceiros, como o de Lampião, chefe local que atuava num mundo rural no qual a Lei ainda não havia chegado.

Esta mudança simbolizada pela derrota de Lampião é decisiva para entender a obra de Guimarães Rosa. Todo um mundo de organização primitiva, baseado no poder dos grandes proprietários rurais, que mantinham como que exércitos em seu poder, era atingido pela ação

do Estado moderno getulista. Era o fim do mundo jagunço.

E é esse mundo primitivo, visto em seus aspectos humanos profundos, que vai compor a matéria-prima de Guimarães Rosa. Veja-se o caso do maior de todos os personagens de sua criação, Riobaldo, o narrador e protagonista de Grande sertão: veredas. Quando começa a contar sua longa história, ele é um velho fazendeiro, casado, que vive "de range-rede", como ele mesmo diz, e que gosta de pensar. No passado, ele foi jagunço, matou gente, andou pelos sertões infinitos, amou, sofreu, conheceu uma amizade estranha e tensa com Diadorim (que no final da história, em momento de triste e rara beleza, morre e permite a identificação de sua verdadeira identidade, como a moça Maria Deodorina). Especialmente, Riobaldo gosta de tentar entender certos enigmas que ele mesmo, ao longo da vida, havia presenciado, visto, experimentado. Por exemplo: por que é que gente inocente sofre e gente má triunfa? Há alguma lógica nisso? Será que existe o diabo, que seria a explicação mais imediata para isso e para tantas outras barbaridades do mundo? Ou não existe diabo como um ser autônomo, mas apenas o mal que habita o coração dos homens?



FOTOS: [HTTP://ATELIERGUMA.BLDGSPOT.COM](http://ATELIERGUMA.BLDGSPOT.COM)



Quando o relato se conclui, Riobaldo alcança uma espécie de culminância de sua sabedoria, ao dizer que o que existe mesmo é "homem humano", isto é, "travessia".

Rosa escreve seus relatos no contexto dos anos 1940 a 1960, quando a modernização no Brasil avançava mais ainda em direção ao mundo rural. Se na geração de Simões Lopes Neto as áreas rurais próximas ao litoral estavam terminando de ser integradas ao mercado e à lógica do Estado, na geração de Rosa era o sertão profundo, as antigas grotas do norte de Minas, o mundo do miolo geográfico do Brasil é que estava sendo alcançado. Não é acaso que Brasília tenha sido fundada na mesma época, 1961: era o país chegando lá. A supermodernidade arquitetônica da nova capital brasileira é contemporânea do fim do mundo de Riobaldo.

Com quem foi que Guimarães Rosa aprendeu o segredo da invenção genial? Naturalmente muito se deve a sua própria pesquisa de linguagem, a seu talento e criatividade; mas uma parte ele certamente aprendeu com seu

xará, Simões Lopes Neto. Experimente colocar lado a lado os dois personagens-narradores, Blau e Riobaldo. Para além das semelhanças na forma dos dois nomes, ambos são rudes homens experimentados em guerras e na vida, cavaleiros agindo em mundo de conflitos políticos que eles pouco entendiam, mas sempre servindo fielmente a seus chefes, e atuando em ambientes de criação extensiva de gado. Mundo masculino este, em que as mulheres são quase só objetos de cobiça e disputa. Mundo de princípios duros, impiedosos; mundo anterior à chegada da Lei e do Estado.

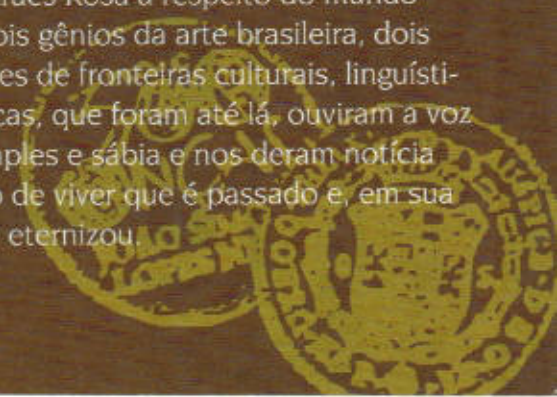
Além disso, Blau e Riobaldo — a tentação do trocadilho é grande: Riobaldo — são sábios. Estão no tempo final de suas vidas e, por isso mesmo, têm a pré-condição necessária à reflexão, que é a experiência. Somam a isso, os dois, um temperamento reflexivo, que os faz gostar de falar para entender-se. E para quem falam? Os dois têm como ouvintes figuras que não são da cidade. Blau conta suas histórias e de vez em quando diz coisas como 'Se o senhor fosse daqui eu não precisaria explicar, mas como não é eu vou contar'; Riobaldo, da mesma forma, admira muito a instrução do sujeito para quem conta suas lembranças e os mistérios da vida. Blau e Riobaldo, vozes do mundo rural antigo, vozes do mundo masculino, do cavalo e da honra, no pampa e no sertão, se fazem ouvir por homens da cidade — e não é exatamente esta a situação histórica que vivem os dois escritores, o João gaúcho e o João mineiro?

Cada qual em sua época, os dois souberam colocar sua verve e seu talento a serviço do retrato daqueles mundos primitivos, no momento em que eles deixavam de sê-lo, porque estavam sendo alcançados pelo progresso da cidade. Simões Lopes Neto a respeito do pampa sulino e Guimarães Rosa a respeito do mundo sertanejo, dois gênios da arte brasileira, dois desbravadores de fronteiras culturais, linguísticas, simbólicas, que foram até lá, ouviram a voz da gente simples e sábia e nos deram notícia de um modo de viver que é passado e, em sua literatura, se eternizou.



Obras do escultor Guma,  
à esquerda. Título: NICOTA  
Técnica: TERRACOTA  
Dimensões: 45 x 32 x 22 cm

e à direita. Título: CANDINHO  
Técnica: TERRACOTA  
Dimensões: 45 x 20 x 15 cm  
Leia sobre o artista na página 29.









tro chafarizes importaram da França. Uma caixa-d'água, proveniente da Europa, até hoje abastece todo o centro da cidade. Uma Catedral. Uma Santa Casa, ao ser inaugurada, causou a impressão de que era "grande demais para o lugar" — do mesmo modo que um dia o traçado das ruas... Mais recentemente, no século XX, surgiram o Teatro Guarany e o Grande Hotel.

Entretanto, os pelotenses — e os muitos imigrantes que se somaram a eles — não se dedicaram apenas à construção da cidade. Bacharéis e poetas, pintores e atores, que se multiplicaram no espaço; damas cultas e formosas, que "nada ficavam devendo às mais graciosas parisienses", na expressão de um escritor francês (uma delas, Yolanda Pereira, foi a primeira Miss Universo do Brasil); enfim,

homens e mulheres durante muito tempo circularam pelos saraus, bailaram pelos salões, cortejaram-se em banquetes.

Teve origem nessa ocasião um hábito que é um requinte culinário, e neste requinte uma das mais sólidas tradições de Pelotas: a tradição do doce. Dos pastéis de Santa Clara, dos fios de ovos, das trouxas de amêndoas, das babaç de moça, dos camafeus, das fatias de Braga.

Hoje em dia os vários cursos universitários empenham-se em manter, institucionalmente, outra das melhores tradições pelotenses: a tradição da cultura. Simões Lopes Neto, na literatura; Zola Amaro, na música; Leopoldo Gotuzzo, na pintura; Antônio Caringi, na escultura — são quatro nomes emblemáticos de uma sociedade singular, extremamente ciosa dos seus muitos valores intelectuais. De uma Atenas exótica, já que floresceu no interior de um Estado que sempre foi Esparta — pela predestinação do extremo sul em resguardar militarmente as fronteiras do Brasil.

FOTO: [HTTP://WWW.AMSPUBLIC.COM.BR/VERBOICES/PELOTAS/MF\\_EUEL\\_PUBLI.ASP](http://www.amspublic.com.br/verboices/pelotas/mf_euel_public.asp)



Ao lado, Biblioteca Pública Municipal de Pelotas, e abaixo, Museu Municipal Parque da Baronesa, de Pelotas



FOTO: MUSEU DA BARONESA / PRÉFECTURA MUNICIPAL DE PELOTAS / SECULT

21

DE LITERAT



# Instituto João Simões Lopes Neto

Cleber Moreira | AJURIS

A casa localizada no número 810 da Rua D. Pedro II – uma das moradas de João Simões Lopes Neto, onde ele provavelmente tenha escrito "O Negrinho do Pastoreio" (levando em consideração o período) – foi adquirida através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura no final dos anos noventa para servir de sede para a Instituição. Nos anos consecutivos, o prédio foi restaurado e nele foi instalado o Instituto João Simões Lopes Neto – IJSLN –, sendo entregue à comunidade em 9 de março de 2006.

Desde a sua implantação, o Instituto desenvolve atividades como oficinas, seminários e palestras financiadas por empresas gaúchas por meio da LIC. Hoje, o Instituto é respeitado no Estado, como demonstra a conquista do Troféu Cultura Gaúcha 2006, pelo destaque na área de literatura e ainda pelas parcerias que realiza, como a que ocorreu no ano de 2008 com o Gabinete da Governadora do Estado, com o lançamento de livro sobre a história do RS em 1808. Suas atividades atingem crianças, jovens e adultos. As mais diferentes linguagens artísticas estão representadas através de oficinas, concursos, exposições, mostras, música, teatro

e literatura, pensadas e vivenciadas pelo público. A programação se estende também à guarda da memória do escritor. As ações do Instituto possuem vínculo constante com a educação não formal através de projetos de conteúdo pedagógico, como os projetos "Teatro Mostra Simões" e "Simões Lopes Neto vai à escola". Assim, o Instituto firma-se cada vez mais como uma Casa de Cultura voltada aos interesses da comunidade, produzindo ações que lhe confirmam importante papel no cenário artístico-cultural de Pelotas e do Estado.

## Algumas ações do Instituto

Em novembro de 2008, o Instituto deu início à série de encontros 'Diálogos na Casa de Simões'. Durante a temporada, foram abertos espaços para ouvir, questionar e conhecer a obra de artistas e intelectuais contemporâneos. Esses encontros contam sempre com dois provocadores, que apresentam questões





ao convidado. Na primeira edição, compareceu o cantor, compositor e escritor Vitor Ramil, que abordou seu processo de criação e sua trajetória e autografou o livro "Satolep". Os debatedores foram a professora Isabella Mozzillo e o jornalista Pablo Rodrigues. Na segunda edição, o Instituto recebeu o jornalista Laurentino Gomes, que falou sobre o seu *best-seller* "1808". Ainda em 2008, foi lançado o documentário "Blau - O vaqueano", dirigido pelo cineasta André Constantin, premiado pelo ministério da Cultura, participando como provocadores a prof<sup>a</sup>. Cíntia Langie e a ex-presidente do Instituto, Paula Mascarenhas.

O projeto "Simões Vai à Escola", durante o ano de 2008, atingiu um público superior a três mil alunos, que vieram ao Instituto para conhecer o legado do escritor, com visita guiada e assistência a filmes sobre a vida e a obra do escritor. Além disso, as escolas receberam exposição de banners, contando a vida do escritor e a sua ligação com a cidade. Também os professores do município receberam curso sobre a obra de Simões e encaminhamentos para trabalho em sala de aula.

Em 2009, o cinema também teve destaque. Na primeira atividade, em 24 de março, o cineasta Henrique de Freitas Lima realizou a estreia de novos episódios da série Contos Gauchescos: "Jogo do Osso" e "Cabelos da China". Na sessão "Diálogo na Casa de Simões", o convidado enfocou as suas escolhas estéticas en-

volvidas na empreitada de utilizar a palavra do autor como base para a produção fílmica e seus desafios na adaptação e direção. No dia 31 de março, foi exibido o filme "Vingança", dirigido por Paulo Pons, a única produção brasileira selecionada para o festival de Berlim 2009. Na sessão "Diálogos", atuaram como provocadores, e Eron Cordeiro, protagonista do filme.

Em 19 de março teve início o projeto "Música na Casa do Capitão", com show da cantora Ana Mascarenhas. Em 8 de abril apresentou-se o Duo Kurtz-Morejano, formado pela soprano Luísa Kurtz e pelo pianista Carlos Morejano.

Um dos principais momentos da programação anual do Instituto é a entrega do "Prêmio 300 Onças", que homenageia homens e mulheres que se destacam na manutenção da obra, do legado cultural e da memória de João Simões Lopes Neto. Entre 2007 e 2008 foram agraciados com a distinção Cirne Lima, Mozart V. Russomano, Flavio L. Chaves, Mario Mattos, Beatriz Araújo e Paulo Charqueiro.

Ainda em 2009, o Instituto participou, em parceria com a AJURIS, do Concurso Literário João Simões Lopes Neto.

Embora a crise que ronda o setor cultural, o Instituto vem trabalhando para manter a qualidade de sua programação e dos projetos educativos, artísticos e culturais que desenvolve.

MAIS INFORMAÇÕES: [WWW.JOAO SIMOES LOPES NETO.COM.BR](http://WWW.JOAO SIMOES LOPES NETO.COM.BR)



FOTOS: CLEBER MOREIRA / AJURIS

À esquerda, Henrique Pires, presidente do Instituto, e à direita, foto da fachada do prédio.





# Alcides de Mendonça Lima

Wilson Carlos Rodycz

No início da República, o Juiz de Comarca de Rio Grande Alcides de Mendonça Lima protagonizou episódio que bem evidencia o pioneirismo e a altanería da justiça sul-rio-grandense. Espelha, de outro lado, a vulnerabilidade da magistratura e do Direito frente ao modelo de Estado implantado no Rio Grande do Sul.

A Constituição federal de 1891 declarou que eram mantidos os tribunais do júri (art. 72, § 31), entendendo-se com isso que ripristinava o instituto tal como estava instituído ao tempo do Império. Apesar disso, alguns Estados introduziram modificações funcionais. No Rio Grande do Sul, a Lei estadual n. 10, de 16 de dezembro de 1895, aboliu a recusação imotivada e o voto secreto. O juiz Alcides insurgiu-se contra esses dispositivos: negou-se a aplicar essa parte da lei, por julgá-la inconstitucional, mandando aplicar a antiga.

O Presidente do Estado, Júlio de Castilhos, mandou processá-lo por crime de prevaricação, classificando-o expressamente de "juiz delinquente e faccioso". Em 29 de maio de 1896, o Tribunal estadual declarou que "o denunciado se excedera no exercício de sua função judicial, pois os artigos impugnados como inconstitucionais não o eram manifestamente"; posteriormente, condenou-o à pena de nove meses de suspensão do cargo. Anos mais tarde, o Supremo Tribunal Federal conheceu da matéria em sede de revisão criminal, quando a questão foi erigida em termos de vingar ou não a independência do júri e da magistratura, inferindo que aquela decisão convertia em crime o dissídio jurisprudencial – "crime de hermenêutica". Alcides foi absolvido, embora o Tribunal não tenha adentrado no exame da inconstitucionalidade da indigitada lei (Boechat Rodrigues, 1965, p. 82-86).

Esse não foi o primeiro nem o único caso da espécie na história judiciária brasileira; houve outros durante o Império e após a República e aqui mesmo no Rio Grande do Sul, na comarca de Santa Maria; mas foi emblemático por ter sido erigido como balizador da independência da magistratura e da competência para o controle da constitucionalidade das leis.

## Dados biográficos

Alcides de Mendonça Lima nasceu em Bagé (RS), em 11 de outubro de 1859 e faleceu no Rio de Janeiro em 26 de agosto de 1935. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1882. Foi jornalista, professor, propagandista da abolição e da República, promotor público, Deputado Constituinte Federal (1891), Deputado à Assembleia Legislativa do RS (1894), Juiz municipal de Pelotas (1891-94), Juiz de Comarca em Rio Grande (1895-96), advogado e acadêmico. Dentre sua prole, destacam-se nas lindes jurídicas seu filho Bruno de Mendonça Lima e seu neto Alcides G. de Mendonça Lima, entre outros. Deixou extensa produção bibliográfica, destacando-se: História Popular do Rio Grande do Sul (1882), Comentário à Lei Hipotecária (1890) e Resposta do Juiz de Comarca de Rio Grande à Denúncia do Procurador Geral do Estado (1896); publicou ainda crítica literária e conferências.

NOTA: Também um juiz de Santa Maria foi processado e condenado por motivo semelhante. Por força da mesma Lei estadual, alguns jurados declararam-se constrangidos de votar a descoberto, tendo ele admitido o impedimento e os substituído na sessão. Em 1º de julho de 1898, o Tribunal condenou-o às penas de suspensão e multa, sob o fundamento de que "impunha-se o dever de exigir que os jurados em rebeldia desempenhassem as funções respectivas, que são obrigatórias, cominando-lhes a pena de prisão em flagrante de desobediência..." (Nequete, 1974, p. 230-231, nota nº 27). Ao narrar episódio acontecido em Santa Maria, em fins de 1898, que possivelmente seja o mesmo, Axt informa que o nome desse juiz era Olavo Godoy, e, de um dos jurados, João Pinto (2004, p. 78).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXT, Gunter. O Judiciário e a dinâmica do sistema coronelista de poder no Rio Grande do Sul. *Justiça & História: Revista do Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul*, v. 4, n. 8. Porto Alegre: Departamento de Artes Gráficas Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2004, p. 55-118.
- BOECHAT RODRIGUES, Lêda. História do Supremo Tribunal Federal (1891-1898): defesa das liberdades civis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, 189 p.
- NEQUETE, Lenine. O Poder Judiciário no Rio Grande do Sul: perfil constitucional. In: *O Poder Judiciário no Rio Grande do Sul: livro comemorativo do Centenário do Tribunal da Relação de Porto Alegre*. Porto Alegre: TJRS, v. 2, 1974, p. 207-331.



# Academia Pelotense de Letras

## APeLL

Zênia de Leon

Fundada em 05.06.1999, a Academia Pelotense de Letras (APeLL) é considerada patrimônio cultural da cidade. Dela fazem parte, nos termos do seu estatuto, escritores com obras publicadas, conhecimento e prestígio junto à comunidade e amor às letras, nascidos em Pelotas ou que nela fazem vida literária. Dentre esses estão Teófilo Alves Galvão, Sady Azevedo, José Vieira Etcheverry, Gildo Cosein, Lenah Iglesias, Eduardo Farias, Luis Carlos Escobar, Francisco Dias da Costa Vidal, Antenor Peixoto de Castro, Vitor Ramil e outros.

Os patronos das cadeiras são figuras históricas ilustres, tais como João Simões Lopes Neto e Francisco Lobo da Costa, o seu poeta maior.

Atualmente, a Academia funciona no Parque Dom Antônio Zattera, ocupando o antigo prédio da Escola João Afonso, totalmente restaurado, conta com 32 membros e é presidida pela Sra. Zênia de Leon. Em frente à sede está sendo construído um monumento, que será um marco à tradição cultural da cidade. O portal grego reverencia a origem das academias, a Grécia, e seus artistas e pensadores, que motivam o mundo artístico até os dias de hoje, perfazendo harmonioso cenário com a arquitetura circunvizinha.

Em seu calendário anual, a APeLL realiza eventos diversos, como a Tribuna Literária, que conta com a participação de convidados especiais para falar sobre os mais instigantes assuntos, tais como O estudo do Belo, Mito, História na Grécia Antiga. Os eventos são sempre prestigiados pela intelectualidade local e pelo povo em geral, o que comprova o seu prestígio e a sua vitalidade.



Um grupo de acadêmicos da Academia Pelotense de Letras:

Wallney Hammes, Eduardo Farias, Anélio Saraiva, João Manoel Peil, Zênia de León, Lenah Iglesias, Joyce Gladis e Adolfo Fetter Junior.

25

CADERNO DE LITERATURA AJURIS



# Origami: A arte em dobrar papel



Estrela  
EXECUÇÃO TEREZINHA RODYCZ

Terezinha Feschuck Rodycz

Bacharel e licenciada em História pela PUCRS. Participante do curso de extensão Origami do Instituto de Cultura Japonesa PUCRS.

FOTOS DE LISIANE OVIEDO / AJUIRS

Num mundo em que somos movidos pelas mais altas tecnologias – em plena era digital – ainda encontramos um grande número de pessoas que utilizam as mãos, a mente e o papel como meio de se expressar artisticamente. Essas pessoas praticam o origami.

O Origami (Ori = dobrar e Kami = Papel) é uma arte tradicional da cultura japonesa que, resumidamente, consiste em fazer dobraduras em papel.

Não há registro oficial das origens do origami. Alguns estudiosos afirmam que o hábito de dobrar papéis é tão antigo quanto o surgimento da primeira folha de papel, originário da China. No entanto, foi no Japão que essa fantástica técnica – que transforma um simples pedaço de papel em figuras inimagináveis – foi aprimorada e divulgada.

Através das mãos, o papel se transforma numa manifestação artística. Para se fazer origami, existem símbolos gráficos padronizados. Isso facilita o trabalho, pois não há necessidade de textos explicativos nem do conhecimento de idiomas: basta seguir os diagramas. Os símbolos gráficos por si só providenciam todas as informações básicas

necessárias para fazer origami. Há dois diagramas básicos que representam as dobras fundamentais: o vale e a montanha.

Com uma simples folha de papel, pode-se criar e inovar, desenvolvendo figuras simples ou complexas, que à primeira vista parecem verdadeiros desafios. Dobrando e desdobrando, formam-se figuras de diferenciadas composições, tais como: objetos, animais, elementos da natureza, figuras humanas, formas geométricas (origami modular), kusudama (bolas que curam), etc. O origami pode ser utilizado das mais diversas formas: como decoração, embalagens de presentes, brinquedos, oferenda, utensílios diversos, etc.

Em se tratando de cultura japonesa, toda a forma de expressão envolve uma filosofia de vida. A elaboração dos origamis também obedece a este princípio: exige concentração, uma boa dose de paciência, persistência, atenção, disciplina, memória e destreza. Simultaneamente, a prática desta delicada e complexa atividade também traz relaxamento, exatidão, ajuda na coordenação motora, além de melhorar a autoestima pela satisfação

Lírios  
EXECUÇÃO TEREZINHA RODYCZ







Elefante  
ARNO FROST



Sukudama  
EXECUÇÃO TEREZINHA RÓDYCZ

do encantador resultado final. Portanto, podemos dizer que funciona como uma terapia.

No Oriente, essa técnica mágica possui significados simbólicos. No Japão, ao tsuru, a figura mais popular do origami, também conhecido como pássaro grou ou garça, atribui-se sorte, saúde e felicidade. Diz ainda a lenda que se você fizer mil tsurus pensando em um desejo, este se realizará. Também no Japão, todos os anos, no dia 6 de agosto, são depositadas inúmeros tsurus no Parque da Paz, no mausoléu erigido em homenagem aos que morreram na tragédia atômica de Hiroxima, com a intenção de pedir paz mundial.

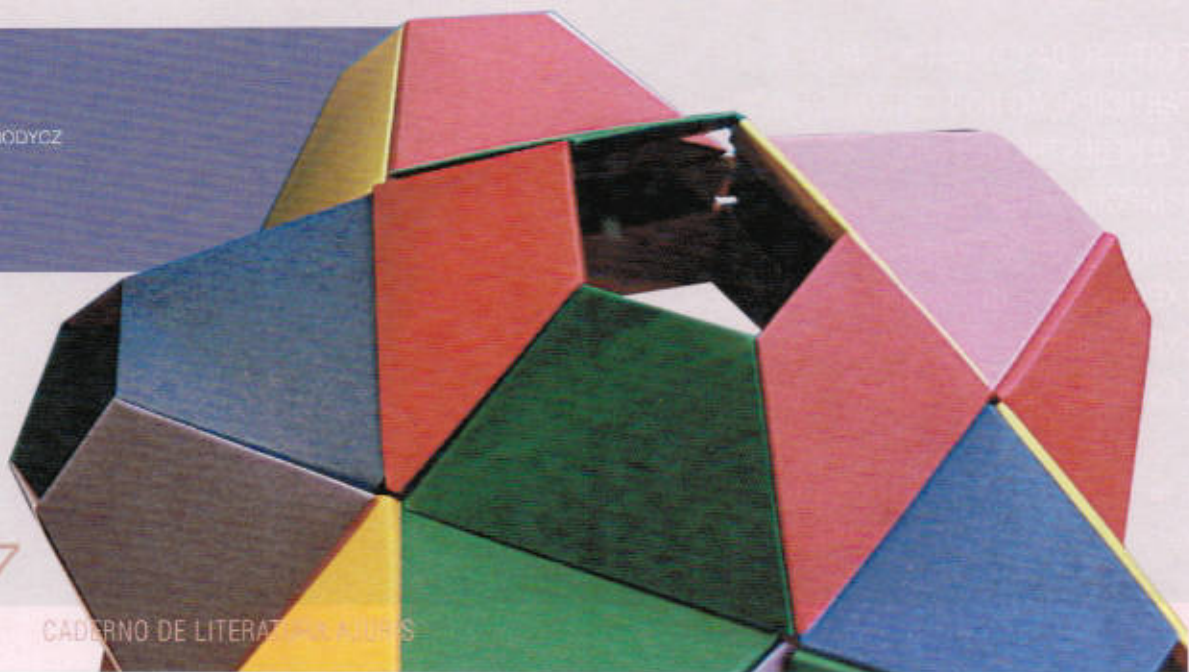
Em Porto Alegre, no Instituto de Cultura Japonesa da PUCRS, um grupo de pessoas de diferentes idades, profissões e interesses reúne-se uma vez por semana, sob a orientação da professora Teruko Takada, para transformar papéis em verdadeiras obras de arte.

Um dos integrantes desse grupo, Arno Frost, salienta: "... o origami é desafiador, como a vida. Para se chegar num resultado positivo, o praticante deve desenvolver paciência e determinação. Paciência

para seguir a sequência das dobras, sem pular ou esquecer alguma. Determinação para dobrar, por exemplo, seis folhas de papel para fazer uma Bola de Cura (Kusudama), ou seguir a sequência de quarenta e duas etapas para transformar um retângulo de papel em um violinista com seu violino. É desafiador porque para superar as dificuldades que a vida nos apresenta também devemos superar uma sequência de etapas. O resultado é sempre compensador e bonito. E como todo trabalho artesanal, pode representar uma fonte de renda alternativa. Participo com meus trabalhos em Bazares e Feiras, onde exponho com minha esposa e filhas. Também desenvolvo oficinas onde falo sobre a técnica como arte e terapia, além de ensinar como se faz um Tsuru – ensino a técnica em aulas com 1 hora e meia de duração".

As formas e os graus de dificuldade variam, permitindo que qualquer pessoa desvende os mistérios e aprenda a técnica do origami. No mundo todo, essa manifestação artística ganha adeptos, atraídos não apenas pela beleza e originalidade das peças, mas também pelos momentos de alegria, lazer e diversão que a prática oportuniza.

Kusudamas  
(bolas que curam)  
EXECUÇÃO TEREZINHA RÓDYCZ





# Ano da França no Brasil



Christophe Benest

Diretor da Aliança Francesa de Porto Alegre

Em 2005, a França foi invadida – pacificamente e de maneira muito agradável! – por uma quantidade de artistas e intelectuais brasileiros durante o Ano do Brasil na França. O ápice desta manifestação foi o convite feito pelo presidente Chirac ao presidente Lula para assistir ao desfile militar de 14 de julho, festa nacional francesa, na avenida Champs-Élysées em Paris. Nesta ocasião, algo de raro aconteceu, um batalhão militar tinha se misturado a seus homólogos franceses.

Diante do sucesso, os dois homens de estado decidiram instaurar o ano de 2009 como o Ano da França no Brasil. Mostrando, assim, as boas relações que unem os dois países.

As comemorações começam em 21 de abril e se encerrarão em 15 de novembro, duas datas marcantes na história brasileira.

Um comissariado binacional foi criado para aprovar mais de 700 eventos culturais, acadêmicos e científicos que se realizarão em todo país.

A Aliança Francesa de Porto Alegre que eu dirijo não poderia de forma nenhuma ficar de fora desta grande manifestação. Há mais de um século no Brasil, presente em 32 cidades, em Manaus ou em Porto Alegre, em Salvador ou em Goiânia, a Aliança Francesa tem como objetivo a difusão da língua e cultura francesas.

Em Porto Alegre, a programação está particularmente rica e a Aliança conta com a parceria do Sesc/RS, secretarias de Cultura do Município e do Estado, Studio Clio, Santander Cultural, UFRGS, bem como das empresas Peugeot, FNAC, galeria de arte La Photo. Confira no box a programação:



FESTIVAL DA CANÇÃO FRANCESA, domingo, dia 21 de junho, no Salão de Atos da UFRGS  
PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL DE INVERNO COM O ESPETÁCULO DE TEATRO DE RUA E COM A EXPOSIÇÃO  
« O PEDESTRE DE PARIS » no Gasômetro.  
TEMPORADA NO SESC : OS PALHAÇOS MATAPESTE; LOKUA KANZA ET VANDER LEE; COMPANHIA DE  
DANÇA « APPRIS PAR CORPS »; O VIOLONISTA CLÁSSICO EMMANUEL ROSSFELDER  
EXPOSIÇÃO « QUAND LA LUMIÈRE VIENDRA » NO CCEEEV em agosto  
EXPOSIÇÃO « VISA POUR L'IMAGE » NA GALERIA LA PHOTO  
LES RENDEZ-VOUS CINÉMA » uma vez por mês no Santander Cultural

E tantos outros encontros fazem parte de uma lista muito extensa que pode ser visitada no nosso site [www.afpoa.com.br](http://www.afpoa.com.br)



# GUMA Gomercindo da Silva Pacheco

Walmir Ayala

O Rio Grande do Sul, estranhamente, não é pródigo na produção de artistas naifs, ingênuos ou primitivos. O vício de pintar à maneira de intuitivos, infelizmente, não proliferou na região Sul, como acontece em outros centros, especialmente nos mais informados e sofisticados, como Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo os autênticos primitivos aparecem raramente em décadas de levantamento artístico no Sul, o que merece análise e explicação. Por isso mesmo, quando surge uma figura como GUMA, um autêntico escultor naif, merece a objetivação de uma expressão. Homem simples, autodidata, operoso e dedicado ao seu trabalho, GUMA representa para o Rio Grande do Sul o que Agnaldo representava para a Bahia, ou seja, um clássico do gênero. Os blocos de madeira trabalhados por GUMA, monólitos que ele desenvolve em conjuntos de figuras ou personagens isolados, transmitem o caráter introspectivo e solitário do interiorano do pampa, sem dúvida um homem tocado pela solidão do horizonte das coxilhas, condicionado à limpeza dos horizontes. Com poucos cortes, GUMA consegue despertar esta vida reflexiva e auto-protegida, estas brumas de sonho e romantismo cozidas pelo calor da luta e da fidelidade à terra. São seres atarracados, telúricos, plantados no chão, uma saga de simples e anônimos, simbolizando com candura o biotipo espiritual e físico de uma raça.

GOMERCINDO DA SILVA PACHECO, escultor de personagens que remetem ao homem dos pampas, nasceu em 1924 e faleceu em 2008. GUMA colocou em madeira, em terracota, bronze e pedra-sabão o que a sua sensibilidade ditava. A arte entrou na vida de GUMA pelos corredores do Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde era modesto funcionário (servente). O estilo bem definido e pessoal abriu espaço para ser acolhido pela classe artística de Porto Alegre. Suas esculturas fazem parte do acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e foram exibidas em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília e em Curitiba. Nos anos 80, abriu um ateliê, onde trabalhou até 2002, quando sofreu um infarto. Dois anos depois, perdeu a esposa. Sua obra é seguida por seu filho Luis Fernando.

Obra à esquerda: BUTUÍ

Técnica: TERRACOTA, dim.: 45 x 35 x 20 cm

Obra à direita: CIBRUNO

Técnica: BRONZE, dim.: 50 x 23 x 20 cm



FOTOS: [HTTP://ATELIERGUMA.BLOGSPOT.COM](http://ATELIERGUMA.BLOGSPOT.COM)



# Pelotas

Zênia de León

Ao ver-te bela, cidade formosa,  
Que o povo saúda num gesto de amor,  
És luz das estrelas, perfume de rosa,  
És pedra preciosa de róseo fulgor.

Refletes teu vulto no espelho do rio,  
Imagens, vida que o progresso criou  
Entre névoa densa das manhãs de frio  
Nas gotas brancas que a geada deixou.

Amo esta terra de "doces doçuras"  
Onde perdura esta sede de viver  
Numa gente tão forte, de várias culturas,

Que têm por ti desvelo e tão bem querer,  
Paixão, encanto, suprema ventura  
Que a conduzem ao perene renascer.

AMUΘ

# Vita Brevis

Ápio Cláudio de Lima Antunes

Tecedor de ilusões, errante caminheiro,  
A imensidão se estende ao teu olhar ardente  
E oásis deslumbrante, sob o céu silente,  
Alucinado vês, ao longo do sendeiro.

É breve teu engano. O sol abrasa inteiro  
O areal deserto. Segues, penitente,  
A longa via que se estende à tua frente,  
Os pés sangrando, num esforço derradeiro,

Cansado, enfim, deténs o passo. Ao fim da estrada  
Vês teus sonhos tão longe, esparsos pelo vento,  
E as ilusões perdidas na amplidão vazia.

E vês que foste luz e foste som, mais nada,  
uma centelha só, que fulge num momento,  
um só arpejo duma eterna sinfonia!



Título: 50°06'W, 29°57'S (a) Ano: 2006 - Pintura acrílica c/ colagem sobre tela. Dim: 50 x 150 cm. | Dânia Moreira\*



Fernando Pessoa, *Poesias de*  
Alvaro de Campos, 1944.  
In: Moises, Massaud. *A literatura portuguesa através dos*  
*textos*, 13ª ed. São Paulo: Ed.  
Cultrix, 1982, p. 404.

# Fonte

Nelson Oscar de Souza

Lágrima – tu hás de ser furtiva  
como o querem os clássicos  
e os românticos

Lágrima – tu hás de ser autêntica  
como o exigem os modernos

Lágrima – tu hás de queimar a minha face  
e abraçar os meus olhos

Lágrima – tu hás de cumprir o teu destino  
para purgar a minha dor

Sol nulo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ela passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ela tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!



Titulo: 50°06'W, 29°57'S (B) Ano: 2006 - Pintura acrílica c/ colagem sobre tela, Dim: 50 x 150 cm. | Dânia Moreira

\* Leia mais sobre a artista Dânia Moreira na página 49.

31

CADERNO DE LITERATURA A JURIS



# Federica

Jane Tutikian

Sempre que se começa a ter amor a alguém, no Ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando, mas [...] quando é destino dado, maior do que o miúdo, a gente ama inteiriço, fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro, brota é depois.

Guimarães Rosa

Há muito que terminava as minhas férias na Itália. Não sei, era uma atração quase física. Era como se pressentisse, lá, um grande acontecimento, desses meio mágicos, meio místicos, meio inexplicáveis. Desses que mudam a vida num único instante, assim:

Não foi por casualidade que fui parar em Mantova. Aliás, não acredito em casualidade. Acredito em destino. A diferença é que ele é palpável, visível, viável, ele tem cor, tem cheiro, desafia todos os sentidos a cada momento. Ele próprio é uma sucessão de sentidos e de momentos. Um fio no labirinto. Um deus poderoso e múltiplo encarnado em cada um de nós. Fico pensando que seu jogo é o xadrez e suas peças, as pessoas que ele aproxima e afasta, aproxima e afasta e sente prazer.

Olha, não estou aqui por acaso. Estou por destino. Era nosso destino estarmos aqui, neste bar e não em outro, bebendo. Os americanos têm uma palavra linda para isto: kismet. Não é bonita? Acredito em Kismet, por isso fui parar em Mantova.

Queria visitar a parte antiga da cidade, com seus museus, com seus palácios, e me deixar transportar para outros tempos, redescobrir que o mundo não termina no horizonte, que a vida não termina na morte e que eu, por baixo da armadura, eu posso mais. Quando o mais for meu kismet.

Foi o que fiz. No meu último dia, naquele ano, em Mantova, voltei ao Museo del Risorgimento e ao do Palazzo Ducale. Meu amigo! Fiquei encantado de tanta História, mais, muito mais embriagado do que estou agora. Por favor, garçom, mais um vinho! Não conseguia sair da Piazza Sordello! Quanta coisa se deixa para trás no mundo, na vida! Mas era meu último dia na Itália e eu tinha que voltar ao hotel e me preparar para reingressar na vidinha redonda de que fala Drummond.



Era outono e no outono tudo fica mais melancólico, não achas? O outono é uma saudade absurda do que não se viveu.

Antes de subir para jogar as roupas na mala, sentei numa mesa, no bar do hotel, e comecei, porque não queria perder o que tinha vivido, comecei a fazer algumas anotações para o meu livro. Uma faixa de sol batia no meu caderno, despedindo-se do dia.

Era um dia para ser, não fosse o encantamento melancólico da praça no outono, do peso da História, porque civilização pesa!, e como pesa!, era um dia para ser como outro qualquer. Não! Não! Era um dia destinado para ser, ele mesmo, kismet.

Estava tão absorto nas minhas anotações que não percebi que já não estava sozinho. Fui surpreendido pelo garçom, quando colocou uma taça de champanhe na minha frente. Agora, a intensidade da faixa de sol no meu caderno era mais fraca.

Disse-lhe que havia um engano, não tinha pedido nada. Por favor, mais vinho. Ele, então, sorriu e respondeu que aquela senhora estava me oferecendo o champanhe.

Aquela senhora era uma mulher bonita, magra, cabelos pretos na altura dos ombros, uns trinta e tantos, talvez. Eu diria que poderia ser tudo, menos o tipo de mulher que oferece champanhe a um desconhecido.

Fechei meu caderno, meio sem jeito, meio atrapalhado, e bebi devagar, sentindo um olhar insistente jogado contra mim.

O sol, ainda mais fraco, incidia sobre a taça.

*Depois de um dia sofrido de tanta saudade e solidão, depois de andar ao acaso, sabendo que o melhor da minha vida eu já tinha vivido, entrei no bar do hotel, só por entrar.*

*Sentei na mesa do canto e me deixei ficar. Imensamente triste. Difícil pensar que tinha que continuar vivendo por viver.*

*O bar estava vazio, havia apenas um homem sentado próximo a mim, escrevendo num caderno que aparava uma faixa de sol. Era um fim de tarde de outono e, no outono, tudo*

*fica mais triste.*

*Veze que outra, ele levantava a cabeça, mas, concentrado que estava no que escrevia, não via nada nem ninguém.*

*Foi então que percebi seu olhar e o seu olhar era o olhar de Stefano! Assustada, contive um grito. Depois, emocionada, segurei o choro. Enlouquecida de saudades quis vê-lo melhor e de perto. Meu coração batia acelerado, minha respiração tornou-se ofegante, minhas mãos e meu corpo tremiam. Queria ver aquele olhar mais e mais e mais e queria vê-lo de perto.*

*Precisava que ele notasse a minha presença e chamei o garçom e pedi que servisse àquele senhor uma taça de champanhe.*

*Esqueci de pensar o que ele pensaria de mim. Não me interessava o que ele pensaria de mim. Pensasse o que pensasse, eu não conseguia desviar os olhos do olhar. Atrás da faixa de sol que caía sobre o cristal da taça, às vezes parecia azul, às vezes parecia verde.*

*Ele me olhou com olhos de interrogação. Fechou o caderno e bebeu lentamente.*

*No silêncio,*

*nosso olhos se encontravam.*

Eu até achava que podia ser um sujeito interessante, era culto, viajado, talvez sensível, tímido, mas, por mais que procurasse qualidades plausíveis em mim, sabia que não era bonito nem charmoso nem jovem nem coisa nenhuma. Comum! Comum me descreve bem. Por que, então, o champanhe e aquele olhar insistente?

Pedi ao garçom duas taças e levei-as à sua mesa. Perguntei se podia sentar, ela respondeu que sim. Estendi-lhe uma taça, dizendo que estava retribuindo a sua gentileza. Ela agradeceu com um sorriso bonito.

Nos apresentamos com um breve aperto de mão. Federica é o seu nome.

Diante do meu italiano precário, perguntou minha origem. Rimos, os dois.

Perguntei se estava há muito em Mantova e ela disse que desde que nascera. Fiquei encan-



tado! Contei-lhe da atração que a parte antiga da cidade exercia sobre mim, e ela concordou entusiasmada que sobre ela também. E contei-lhe dos meus dias, dos meus escritos, do meu trabalho e ela acompanhou atentamente olhando no fundo dos meus olhos.

Quando parei de falar, porque me dei conta de que apenas eu falava, Federica disse que estava tarde e que precisava ir embora.

Não havia mais sol sobre a mesa.

*Chamou o garçom e ele lhe trouxe duas taças. Com elas, veio em minha direção. Eu? Nervosa, excitada, amedrontada. Eu, que nunca tinha medo de nada, estava amedrontada. Nunca tinha feito aquilo!*

*Ele disse que queria retribuir a minha gentileza. Perguntou se podia sentar e eu concordei. Queria não demonstrar o que estava sentindo, lutei comigo para não demonstrar o que estava sentindo.*

*Era um homem alto, magro, de sorriso grande. Era um homem bonito. Uns cinquenta anos, talvez. E, acima de tudo, era um grande falador, de uma conversa agradável e delicada. Um homem culto. Disse que era escritor e falou sobre a sua vida e sobre sua paixão por Mantova.*

*Eu? Eu estava encantada, querendo mergulhar e me embriagar naqueles olhos que me restituíam o homem que amei.*

*Quando a razão me acordou, achei aquilo tudo uma enorme loucura e disse-lhe que precisava ir embora. Ninguém volta da morte, minha solidão me dizia, ninguém.*

Queria pedir que não fosse, não ainda, estava tudo tão agradável! e depois, o meu trem só saía de madrugada, mas. Não tive coragem de pedir. Por quê? Não sei. Tenho dessas, às vezes. Creio que tive medo de ir além do que deveria.

Perguntei se poderia acompanhá-la. Me alcança o vinho, por favor. Ela disse que sim.

Andamos em silêncio em direção à praça Sordello. Seria um gran finale para a minha

estada em Mantova. Mas havia uma resposta que eu não podia deixar de ter e cortei o silêncio da noite recém nascida e perguntei por que o champanhe? Por que eu?

A resposta me desconcertou: por causa dos meus olhos. De acordo com o sol, ela disse, ora eram verdes, ora eram azuis e só havia conhecido uma pessoa, em toda a sua vida, com os olhos assim, ora verdes, ora azuis, o único homem a quem amara e que morrera há exatos seis meses.

Fiquei calado. Queria dizer sinto muito, mas, estranhamente, eu não sentia muito. Fiquei calado e Federica ficou calada e procurávamos decifrar nosso silêncio. O meu, egoísta, mesquinho, ciumento, irracional. O dela, de puro sofrimento.

O outono trazia um vento e uma noite gelados e o gelo se instalou na minha alma, como a me proteger da verdade. Embora todas as mulheres que tive, nunca havia conhecido uma mulher como Federica. Não me pergunta por quê. Ela tinha ou ela era o que – de repente me dava conta – eu havia procurado durante toda a minha vida! Eu sentia isso nos ossos, na carne, na alma. Eu simplesmente sentia. Não, obrigado!, não quero beber agora. Tenho, ainda, algum controle sobre mim e não quero perdê-lo.

Diante de uma livraria, Federica pediu que a esperasse.

Que grande turbilhão se instalava dentro de mim!

Ela voltou com um jeito decidido e com o jeito decidido – talvez isso me intimidasse um pouco – estendeu a mão. Era um presente. Um peso de papel, ela disse que seria útil para um escritor, mesmo um bissexto como eu. Uma esfera de vidro que, ela disse, de acordo com o sol ora fica verde, ora fica azul. Agradei.

Continuamos caminhando em direção à praça. De novo o silêncio.

Naquele cenário, Federica ficava ainda mais bonita, desenhava uma ideia de completude,



me fazia feliz. Queria poder abraçá-la, mas. Não faria nada que a assustasse, que a ofendesse, que pudesse ferir sua saudade.

No meio da Piazza Sordello, ela parou. Respirou profundamente o ar. Olhou dentro dos meus olhos, anunciando uma última vez e me disse adeus.

*Eduardo, era esse o seu nome, perguntou se podia me acompanhar. Queria dizer não, mas foi tudo muito mais forte do que a minha fragilidade e disse sim.*

*Não me arrependi. Não me arrependo. Na verdade, estava grata àquele homem que eu não conhecia e que chegava assim, de mansinho, coberto de delicadezas, dono de um olhar capaz de brincar com o tempo.*

*Ele perguntou por quê? e eu falei com a voz presa, com uma lágrima teimosa, eu falei de Stefano. Depois, quando consegui me recompor, pensei que deveria agradecer a ele os momentos de susto e de encantamento. Entrei na Lombardia à procura de um livro, mas vi, nas prateleiras, uns pesos de papel e um deles me chamou a atenção: sob a luz, ora era verde, ora era azul. Foi o que escolhi.*

*Eduardo sorriu agradecido e continuamos caminhando em silêncio.*

*Eduardo, eu e a minha solidão.*

Fiquei parado, com medo de ir mais além do que poderia. Fiquei parado por puro respeito. Fiquei parado enquanto Federica sumia, encantada, entre museus e palácios.

*Estava tão sozinha e tão doída que desejei que ele me abraçasse e tive medo. Tive medo de trair Stefano.*

*No meio da Piazza Sordello, respirei fundo o ar gelado da noite e, decidida, disse adeus.*

*Ele ficou parado, enquanto eu me afastava. Não olhei para trás, não podia perder duas vezes os mesmos olhos.*

*Sabia, sim, que Eduardo ia embora naquela madrugada – há coisa mais triste do que um trem partindo na madrugada? – e não perguntei se, algum dia, voltaria a Mantova. Com a alma apertada, não creio que ele voltará.*

É claro que não parti naquela noite, a última, nem nas seguintes. Esperei por Federica no bar do hotel, nos fins de tarde. Sentei sempre na mesa da faixa do sol. Vivi todas as lembranças e perdas que traz o outono. Perguntei por ela. Procurei por ela. Enlouquecido de amor por ela.

Voltei a Mantova nas férias seguintes e seguintes e seguintes. Talvez o deus do destino jogasse de aproximar de novo. Kismet. Uma palavra bonita.

Quando, cansado e desesperançado, penso que foi tudo imaginação de um velho escritor, olho para o peso que segura as páginas do meu último livro. Bem sei que não eram meus olhos aqueles que Federica via, quando olhava para mim e, ainda assim, porque este é o meu destino, procuro por ela. A faixa de sol incidindo sobre a esfera de vidro faz um reflexo ora verde, ora azul.

*Hoje, passado tanto tempo, fico pensando que a vida me deu uma segunda chance e eu, sangrando, não pude perceber. Stefano esteve e estará para sempre guardado em mim, feito um amor eterno interrompido, mas, porque, a despeito de todo o sofrimento, ele estava morto e eu, viva, houve um nome – Eduardo –, um olhar e uma possibilidade.*

Eu, escondido de mim, do meu ridículo, da minha racionalidade, quase num ritual profano, eu chamo por ele. Kismet! Mas o destino tem vida própria e deixou de se interessar pela minha vida. Talvez porque, no xadrez, eu não seja mais do que um lance óbvio. Pronto! Foi assim que tudo aconteceu. Agora, meu amigo, me deixa beber esta outra vida em paz. Garçom!



# Pierlequim

Mariza Baur

Fim de tarde. Faz frio aqui na Piazza de San Marco neste mar de mascarados. Todo mundo vem fantasiado. Plumas, capas longas e chapéus. Máscaras brancas tapam os rostos. Pombos voam assustados. É Carnaval! Princesas, magos, fidalgos, cardeais. Impressionante, quantos cardeais! Lá vai um anjo. E a feiticeira acaba de passar. Ninguém vem nu. Agora, pasmem, uma baiana de turbante na cabeça se aproxima. Não resisto e digo que sou do Brasil. Ela rodopia, me cumprimenta e quase grita: lo sonno baiana de Rio. Tento explicar que baiana é da Bahia, mas ela já se foi. Aí vejo você, Pierrô, tomando café no Florian, me procurando com o olhar. Ainda não quero que me aviste. Ah! Estou dividida. Meu coração bate por dois. Cadê você, Arlequim? Pierrô ou Arlequim? A dúvida me consome. Sou Colombina, o que vai ser de mim? Não é você, Arlequim, ali no vaporetto? Não, me enganei. Então, você me vê, Pierrô, e é deste olhar que sempre lembro e me derreto.

Está fazendo um ano, foi no Carnaval que passou, eu sou aquele Pierrô... Cantarolando, você vem ao meu encontro, me abraça e me beija, meu amor. Entramos no desfile. Nada de samba, nem axé. Cantigas medievais ecoam na piazza. Performances teatrais aqui e ali. Atmosfera de magia nos transportando a outras épocas, só nos damos conta de que é noite na última badalada da Torre do Relógio. Vamos ao Palazzo?, você me convida. O baile está apenas começando. Que deslumbramento, quanto luxo, quanta pompa. Dançamos. Dançamos de causar inveja, até perder o

fôlego. Aí, Pierrô, você sussurra: Tem uma gôndola para nós, minha Colombina, sob a Ponte dos Suspiros. E eu é que suspiro ao ver tão linda embarcação. O casco negro reluzindo nas águas do canal, toda carmim por dentro, veludo e seda. E flores, rubras rosas, camélias alvas. Champanhe ou vinho tinto? Vou querer os dois e muito mais, respondo sorrindo.

Como num sonho, a voz do gondoleiro a entoar Il sole mio, vamos avançando pela bruma. Enamorados. Não sei se tremo de frio ou de paixão nos seus braços, Pierrô, os fogos de artifício se derramando sobre nós no Gran Canale. Perto dali, foliões comentam Arlequim está chorando pelo amor da Colombina, no meio da multidão.

Colombina! Colombina! Alguém me chama da Ponte do Rialto. Abro os olhos, vislumbro panos coloridos. Losangos. Meu coração dá um pulo. É sua voz, Arlequim? Então, escuto o que me diz: Venha comigo, Colombina. Pierrô chora e me implora: Fique meu amor. Eu também choro, nós três choramos. Drama na laguna. Não sei se fico, não sei se vou. Ah! Estou sempre dividida. Na verdade, meu coração é Pierlequim.

Uma lancha nos aborda. Vejo Arlequim, no leme, a gritar: Colombina! Casanova me ensinou, vim raptá-la. Você é minha... Tudo foi tão rápido, que nem entendi. Num passe de mágica em terra firme estou, correndo por ruelas, de mãos dadas com você, meu Arlequim.

Na noite de Veneza, um Pierrô apaixonado, que vivia só cantando, por causa de uma Colombina acabou chorando, acabou chorando.

Sônia



# Vinho de palavras

Carlos Saldanha Legendre, para Nei Soares de Oliveira

Semelhante à natureza do vinho, o poema nascente não deve ser consumido de imediato. Convém guardá-lo em nobres barris da memória, em lugar escuro e silencioso, frágil garrafa dormindo na adega da alma tão úmida de remotas e imprecisas lembranças.

O poeta se confunde ao enólogo na escolha das uvas e seu trato, em sua amorosa espremedura das palavras. Não se aspire a embriaguez absoluta e desejada, o néctar existente no abismo das coisas e dos seres, sem madregar sob as cepas do idioma em busca do poema.

Passados meses, talvez anos, resistindo ao tempo que quase tudo acidula e turva, pode-se então degustá-lo, lentamente. E à sua leitura, erga-se um ardoroso brinde ao sangue da videira, ao sumo do coração.

**Olho meu cão  
que do escuro  
me olha**

**Dois fusos, anoto**

**Estou no seu  
infinito  
momento presente**

Thomaz Albarnoz Nevés, exílio.  
Porto Alegre: Ed. Movimento, 2008, p. 35.

## Conversa

Antenor Peixoto de Castro

Escutei, numa noite enluarada,  
a conversa do amor com a saudade.  
E o primeiro dizia, antes de nada,  
Fingindo aparentar felicidade:

- Sou a força maior, e nesta vida,  
deleito os corações apaixonados!  
Faço-os vibrar em fúria incontida,  
mesmo que após já fiquem separados!

E a saudade respondeu, mansamente:  
- De fato, és maior, porque és presente,  
e colocas dois amores lado a lado...

- Mas eu, amor, que vivo solitária  
e passo neste mundo como pária,  
me contento apenas com o passado...



# Bar Esperança

Danielle Martins Cardoso

2

O dinheiro, passa logo, diz o cara. Abro os olhos. Boca amargando, cabeça zonza debruçada sobre o balcão, lá fora o sol ainda roxo. No quarto Titião ronca, dá para ouvir, parece porco bom de capar, engordar, engordar, depois faca no pescoço. E com muito grito que gritar é bom, ele fala. Levanto a cabeça e vejo o cano de metal brilhoso. O rapaz tem a cara vermelha. Um moço com o copo de pinga na mão corre para a porta, dizendo que acerta depois. Abri cedo o bar, caminho do trabalho de muita gente. Todos os dias um tal de Joanita, meu café branco. A pinga vicia, mas ajuda também, precisei dela hoje para ficar de pé, noite de um melamela sem fim.

O dinheiro, anda, menina, faz coisa errada não que estouro sua cabeça. Cara nervoso, será que chamo o tio? Todos o respeitam, quem sabe o assaltante também. Olho a arma, falo nada e sigo para o caixa pensando na vida, solavanco que não acaba. Titião que não dá sossego, a mãe foi embora, morreu urrando, bestiando, descabelando, com filho agarrado na barriga, nascido morto, enterrado com ela. Eu só, pai nunca houve, chamaram o tio, que foi se achegando, com queijo, doce, boneca. Os vizinhos no elogio, homem bom o Sebastião, vai acolher a menina da Duca, dá de um tudo pra ela. Vim morar com ele nos fundos do bar. No começo não era ruim. Só que o tio bebe, uma bebedeira de não deixar mulher parar aqui. E bate. Bebe e bate. Faço as contas vez em quando o tanto que já apanhei. Também as garrafas vazias eu conto. O que o tio bebe dá para comprar cama, armário, até porta no lugar das cortinas. Porta no banheiro, no quarto, porta que você fecha para ficar fora do mundo. A porta separa as coisas, evita as coisas.



Barulhão faz a porta do bar, falta trato. O assaltante resolve nos fechar. Ficamos ali, sozinhos, no fusco fusco que Titião gosta. Acendo a luz e começo a separar o dinheiro. Cara de sorte, Titião doido demais, com diabo no corpo, me cevando, no gozo do malfeito, até se esqueceu do bololô de notas no caixa. Depois é um tal de esconde a barriga menina, que ninguém precisa saber.

O sol já vermelho. Estico o braço, esparamo as notas no balcão, aqui ó, tem dinheiro que dá para comprar o bar. E me lembro das coisas prometidas pelo tio, bicicleta, escola de corte-costura, roupas novas. O assaltante quer as moedas também, faço concha com as mãos, tem saquinho, pergunta, olhando para a porta, querendo zunir dali. Só então Titião aparece com a cara amassada, barrigudão, dando ordem, Joanita, abre essa porta. O ladrão com o dinheiro amassado na mão, eu ainda debruçada, as moedas por entregar, olhamos ao mesmo tempo para o tio, que estaca, querendo entender. O ladrão recolhe o susto, aponta a arma contra Titião e grita, levanta os braços, senão é bala na fuça, tem mais gente? Não, respondo, namorando o revólver lustroso. Sinto uma pontada na barriga, que aperto contra o balcão. As entranhas ainda doem, observo Titião calado, murcho, antes tão forte, segurando meus braços, bando na minha boca, amassando meu corpo, estocando até gemer, na frente, atrás, depois

o ronco de porco. Aperto ainda mais a barriga, falei, implorei, queria tirar, nem que fosse na faca. O tio dizendo nunca, pecado matar, isso não. E a barriga estufando, aquele desespero, ele maquinando, deixa, depois que nascer a gente vê o que faz. Mas eu sei que vai acontecer comigo, bestiar igual a mãe, ficar de cócoras, esbravejar, o menino agarrado, ela sangrando, já sem forças, para depois dormir no céu. Minha vida é besta mas não quero morrer.

O assaltante mantém a mira, querendo e não querendo. Enfia moedas, notas, maços de cigarro, tudo dentro das calças. Olho o tio de pé, tremendo. Na minha cabeça ouço o ronco. O porco. A faca. A esperança.

A janela entreaberta, o sol ainda vermelho, a passarinhada no barulho. O rapaz com o tio na mira faz o gesto. Tenho que abrir a porta do bar. A porta de ferro. Amasso mais uma vez a barriga contra o balcão. A mão do assaltante treme, o suor escorre pelo pescoço, as narinas estão arreganhadas.

O revólver reluz igual o anel do tio. Devagar me debruço sobre o balcão, boca no ouvido do moço, no sussurro suplico. Ele enrugando a testa, cismado. Peço, com os olhos molhados. A porta fechada, nós três ali, ninguém viu, ninguém sabe. Peço, uma vez mais, agora no soluço, não sem vigiar Titião, que parece desconfiado.

O assaltante pisca nervoso. Pouso a mão sobre a dele. No gatilho, dedo sobre dedo.



# Coração de pedra

José Nedel

Meu coração de pedra volta a ser maciço,  
Sarado que ficou. Amor nenhum que vier  
Terá o condão de o íntimo lhe confranger.  
Basta de dor de amor – decido assim por isso.

Durante muito tempo a ela fui submisso,  
Acreditando que esse era o meu mister.  
Apenas sendo bela, o fez por merecer.  
Falso não foi o amor, foi lídimo e castiço.

Mas acabou. Ficaram chagas malpensadas.  
Que roubam o vigor nas duras caminhadas  
Na direção da vida plácida e feliz.

Que alternativa há? Forjar autonomia.  
É o que sempre buscado ter eu deveria.  
Muitas vezes, porém, não pude, ou não quis.

“Um grande amor  
é sempre grave e triste.”

(FLORBELA ESPANCA)

## Bumerangue

Matalda dos Santos

Um dia me ofenderam  
E eu não reagi,  
Um dia me defenderam  
E eu não quis ouvir,  
Um dia me bateram  
E eu não fugi,  
Um dia me salvaram  
E eu não reconheci,  
Um dia me apunhalaram  
E eu não caí,  
Um dia me adularam  
E eu fiz que não vi,  
Um dia de mim zombaram,  
E eu fiz que não percebi,  
Um dia me procuraram  
E eu não me descobri...



# Te ensinando a amar porto alegre

Jane Fischmann

*Quisera* eu ter demonstrado toda a minha euforia  
Naqueles preciosos momentos em que observamos gente...  
Parece que, ao tentar, mais e mais algo me impedia e me  
sussurrava desnecessário...

*Olha* o avião rasgando o rio...

*Quisera* eu ter apontado a ti a delicadeza do gesto  
A tua vinda alada por tortuosos caminhos terrestres...  
Iniciava este esforço e baixava os olhos,  
Pedindo desculpas por esta timidez inoportuna...  
*Olha* o flautista solitário parecendo ouvir apenas sua  
música...

*Quisera* eu ter transformado em palavras a magia do  
momento

As lembranças compartilhadas, o cuspir da usina,  
As vivências infantis, o namoro no bonde...  
O calor dos corpos colados a trapacear o vento gelado  
de junho...

*Olha* o pôr do sol cobrindo o rio de sangue!

*Quisera* eu ter compreendido o que me retirara o som  
E no esforço de tentar deixei de perceber que não carecia,  
Pois, ao fazer registros de cenas cruzando para sempre nossa história  
Estávamos fazendo o exercício de *olhar* na mesma direção!





# Entrega especial

Helô Bello Barros

No embrulho em seu colo a esperança. Ele devia ser entregue à rua Marconi número 55 conj. 53. Tinha hora marcada, não deixaria que nada o atrasasse. Nada. Estaria lá às 14 horas em ponto, disto dependia seu emprego. O patrão havia avisado. "É uma entrega importantíssima, o meu pescoço vai amarrado aí neste cordão, que dirá o seu." O patrão tinha esta mania de falar tudo com íssimas: importantíssima, poderosíssima, caríssima, uma fala sibilante e desagradável. Mas, com patrão não se discute. Recebeu o encargo assentindo com a cabeça, apesar do gosto amargo que veio à boca.

Devia descer no ponto na Praça da República. Não era difícil, quantas vezes já não havia passado por lá, além do mais, tinha tempo era ainda 13h30. Antevendo a chegada, lembrou-se da placa de propaganda do McDonald's na esquina da Ipiranga, das lojas de joias e de sapatos. Podia ver também o movimento frenético dos carros, a correria dos pedestres. Imaginou a cidade como aquela foto que vira da Serra Pelada; um formigueiro de gente, todos com firme objetivo de encontrar ouros. Só que aqui as pessoas se misturam aos carros e ônibus. Uma impressão de trabalho eminente, de tempo armado antes da chuva. Todos tinham que correr para entregar pacotes importantes, chegar a tempo para reuniões, resolver balanços, pagar contas em banco. Formigueiro de funções, pressa

de concluir os trabalhos já que o pescoço da cidade estava em jogo. E tinha também as pombas. Elas mal conseguiam sobrevoar os velhos edifícios. Dividiam com os transeuntes o espaço nas calçadas, picando restos de lanche no meio fio e voando raso, quase se estatelando nos parabrisas dos carros que avançavam no farol.

Entregou o passe para o cobrador, passou na catraca e sentou junto à porta de saída. Mais três pontos e estaria na Praça, cruzaria o jardim, atravessaria a Ipiranga e andando mais dois quarteirões pela Barão de Itapetininga viraria à direita e estaria na Rua Marconi. Chegando lá, seria só procurar o número, subir ao quinto andar, conjunto 53. Não ia esquecer, disto dependiam seu emprego e o casamento com Mariana. Lembrou-se do beijo de despedida na noite anterior, da doçura no olhar da noiva, do entusiasmo dela mostrando o conjunto de panelas compradas no Mappin. Promoção do dia, contou. Voltou o olhar para o ônibus, para os rostos indistintos, uma massa sem contorno. Apertou o embrulho contra o peito e sorriu.

Ninguém ali sabia que o seu trabalho era importantíssimo e muito menos que ia se casar com Mariana.

Enquanto descia do ônibus teve um último lampejo de felicidade: "A cidade grande é mestra em esconder alegrias".

Um carro virou a esquina em alta velocidade.

E ele só tinha 19 anos.



# Descrição honesta de si mesmo junto a um copo de whisky no aeroporto, digamos, em Minneapolis

Meus ouvidos ouvem cada vez menos das conversas, meus olhos vão ficando mais fracos, mas não se fartaram.

Vejo suas pernas em minissaias, em calças compridas ou tecidos voláteis.

Observo uma a uma, suas bundas e coxas, pensativo, acalentado por sonhos pornô.

Velho depravado, é a cova que te espera, não os jogos e folguedos da juventude.

Não é verdade, faço apenas o que sempre fiz, compondo cenas dessa terra sob as ordens de uma imaginação erótica.

Não desejo estas criaturas, desejo tudo, e elas são como o signo de uma convivência estática.

Não é minha culpa se somos feitos assim, metade contemplação desinteressada, e metade apetite.

Se após a morte eu chegar ao Céu, lá deve ser como aqui, só que me terei desfeito da obtusidade dos sentidos e do peso dos ossos.

Tornado puro olhar, sorverei ainda as proporções do corpo humano, a cor da íris, uma rua de Paris em junho de manhãzinha, toda a incompreensível, a incompreensível multidão das coisas visíveis.

Czeslaw Milosz, poeta polonês, prêmio Nobel de Literatura 1980

In: Não mais. Tradução: Henrik Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Brasília: Ed. UnB, 2003, p. 112.

## Vide, ide, idem, ibidem

Adair Philippsen

Breve síntese do Gênesis:

A vastidão da obra, vide;  
Para dominar a terra, ide;  
Para multiplicar-vos, ide;  
Para a dificuldade, idem;  
Para o fim da vida, ibidem.



# A Alma de Eduardo

Márcio Marcelo Rochá Dias

Ela chegou, bateu a porta, e como se nada tivesse mudado, sorriu, aquele sorriso que ainda me encanta e começou a despejar palavras contando do seu dia. De nada acho graça, há tempos, ela não tem culpa como muitas vezes ela própria já me disse, eu sei, e esse é o problema. Tento parecer simpático com todos, com ela, como os amigos, como se eu os tivesse, engraçado já fui tão bom na arte de cultivar amigos.

Passa um certo tempo e não aguento, vou logo despejando palavras: Alma, acho que só te vejo como amiga..., as lágrimas logo veem no meu rosto e no dela também. Tenho 27 anos e já me sinto cansado, parece que todas as experiências do mundo eu já tive! Que sujeito chato, devem pensar. Voltando à discussão, ela chorou, porém fez muitas considerações, cheguei a vê-la defendendo uma tese de doutorado sobre os relacionamentos, de tudo que ela falou, guardei uma só frase: - Eduardo, tu me cansas!

Talvez se eu ao menos discutisse as coisas melhorassem, mas não, nem isso muda meu ânimo, minha preguiça existencial.

Depois de algumas horas, não preciso contar o que aconteceu, todo mundo sabe, ou já deve imaginar, ela chorando e eu imóvel, mudo.

Às três horas da manhã eu ainda estava acordado olhando para o teto de um pequeno hotel no centro da cidade, às oito e meia teria que estar com o meu sorriso pronto no rosto lá na empresa, afinal é com ele que ainda sou o que mais vende carros lá na concessionária, se as pessoas que compram soubessem o pessimismo e o ânimo do cara que vende a elas, se fossem supersticiosas, com certeza não viajariam nos carros.

São sete horas da manhã, acho que dormi, pois o que me desperta é uma voz frenética vinda da TV, um cara vocífera contra a convocação do Ronaldinho, e é ele que me acorda. Olho no relógio,



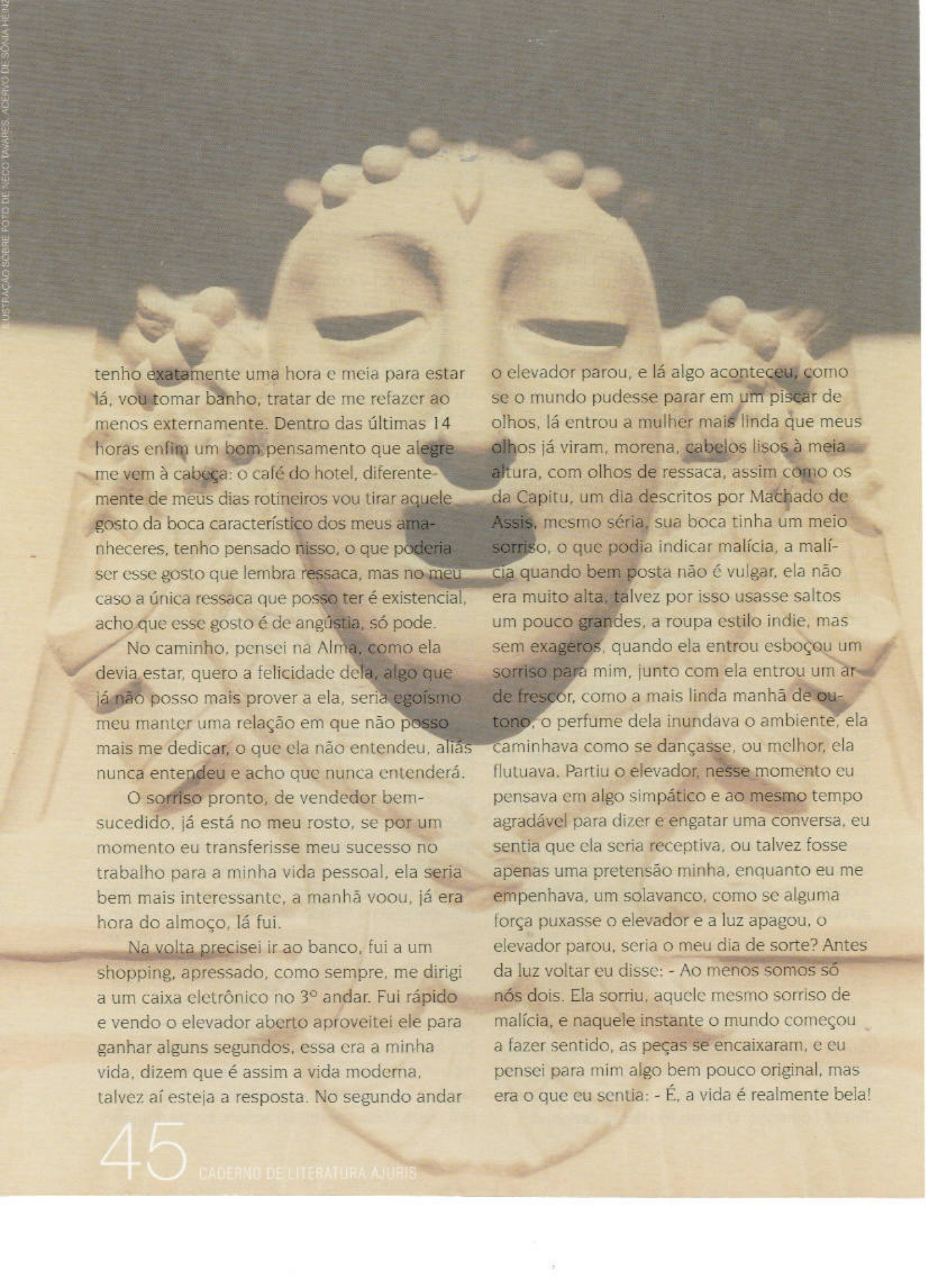


ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTO DE NÉCO TAVARES, ARQUIVO DE SÔNIA HE

tenho exatamente uma hora e meia para estar lá, vou tomar banho, tratar de me refazer ao menos externamente. Dentro das últimas 14 horas enfim um bom pensamento que alegre me vem à cabeça: o café do hotel, diferente de meus dias rotineiros vou tirar aquele gosto da boca característico dos meus amanheceres, tenho pensado nisso, o que poderia ser esse gosto que lembra ressaca, mas no meu caso a única ressaca que posso ter é existencial, acho que esse gosto é de angústia, só pode.

No caminho, pensei na Alma, como ela devia estar, quero a felicidade dela, algo que já não posso mais prover a ela, seria egoísmo meu manter uma relação em que não posso mais me dedicar, o que ela não entendeu, aliás nunca entendeu e acho que nunca entenderá.

O sorriso pronto, de vendedor bem-sucedido, já está no meu rosto, se por um momento eu transferisse meu sucesso no trabalho para a minha vida pessoal, ela seria bem mais interessante, a manhã voou, já era hora do almoço, lá fui.

Na volta precisei ir ao banco, fui a um shopping, apressado, como sempre, me dirigi a um caixa eletrônico no 3º andar. Fui rápido e vendo o elevador aberto aproveitei ele para ganhar alguns segundos, essa era a minha vida, dizem que é assim a vida moderna, talvez aí esteja a resposta. No segundo andar

o elevador parou, e lá algo aconteceu, como se o mundo pudesse parar em um piscar de olhos, lá entrou a mulher mais linda que meus olhos já viram, morena, cabelos lisos à meia altura, com olhos de ressaca, assim como os da Capitu, um dia descritos por Machado de Assis, mesmo séria, sua boca tinha um meio sorriso, o que podia indicar malícia, a malícia quando bem posta não é vulgar, ela não era muito alta, talvez por isso usasse saltos um pouco grandes, a roupa estilo indie, mas sem exageros, quando ela entrou esboçou um sorriso para mim, junto com ela entrou um ar de frescor, como a mais linda manhã de outono, o perfume dela inundava o ambiente, ela caminhava como se dançasse, ou melhor, ela flutuava. Partiu o elevador, nesse momento eu pensava em algo simpático e ao mesmo tempo agradável para dizer e engatar uma conversa, eu sentia que ela seria receptiva, ou talvez fosse apenas uma pretensão minha, enquanto eu me empenhava, um solavanco, como se alguma força puxasse o elevador e a luz apagou, o elevador parou, seria o meu dia de sorte? Antes da luz voltar eu disse: - Ao menos somos só nós dois. Ela sorriu, aquele mesmo sorriso de malícia, e naquele instante o mundo começou a fazer sentido, as peças se encaixaram, e eu pensei para mim algo bem pouco original, mas era o que eu sentia: - É, a vida é realmente bela!



# Fernão Lopes

José Vellinho de Lacerda

Figura ímpar na crônica historiográfica portuguesa, Fernão Lopes era de origem plebeia e viveu num dos períodos mais conturbados de seu país. Nascido por volta de 1378 (ignora-se a data exata), seu nome aparece pela primeira vez num documento de 1418, já como guarda-mor das escrituras da Torre do Castelo de Lisboa. Cargo importante, não se confiaria a um moço inexperiente se já não tivesse provado qualidades suficientes de não só exercê-lo, como também para escrever a história dos monarcas lusitanos, tarefa que lhe foi confiada pelo rei D. Duarte. Pouco dela chegou até nós (Crônica de el-rei D. Pedro, Crônica de el-rei D. Fernando, Crônica de el-rei D. João I, 1ª e 2ª partes), mas o bastante para mostrar um estilo vivo e uma poderosa força narrativa. Teve ele facilitado o seu trabalho pelo exercício do próprio ofício, que lhe dava acesso aos documentos oficiais, aos diplomas das chancelarias, aos textos de tratados e convenções, e a toda espécie de documentação que o rei mandava vir de fora para facilitar-lhe o trabalho. A par disso, Fernão foi testemunha viva de muitos fatos que narra. Escrever história era para ele obra de verdade, de imparcialidade e não de *favoreza, posta adeparte toda a feiçom*. Chegou mesmo a contar covardias e indignidades cometidas pelos próprios portugueses. E quando se tornava difícil ou impossível o esclarecimento do fenômeno histórico, relatava a opinião dos vários autores, deixando *cárrego ao que isto leer que destas opiniões escolha qual quiser*.

Uma de suas narrativas mais pungentes é a do cerco de Lisboa, de 1384. Para entendê-lo, um esboço histórico: morto Fernando I, décimo rei de Portugal, e filho de Pedro I, o rei anterior, ficaram pretendendo a coroa o rei de Castela, marido de Beatriz, filha de Fernando, e João, o Mestre de Avis, filho bastardo de Pedro I com a dama galega Teresa Lourenço. O mestrado dessa Ordem de

Avis fora-lhe concedido pelo pai e tal Ordem, de origem bélico-religiosa, correspondia, na península ibérica, tal como as de Santiago, Alcântara e Calatrava, às dos Templários e Hospitalários na Terra Santa, à época das Cruzadas. Pois bem, sitiante era o rei de Castela e sitiado o Mestre de Avis, ambos disputantes do trono. Alguns trechos da narrativa do cronista: *Em esto gastou-se (foi-se consumindo) a cidade assi apertadamente, que as públicas esmolos começaram a desfalecer, e nenhuma geeraçom de pobres achava quem lhe dar pam; de guisa que a perda comum vencendo de todo a piedade, e veendo a gram mingua dos mantiimentos, estabelecerom deitar fora as gentes minguadas e nom perteentes (capazes) pera defensom; e esto foi feito duas ou tres vezes, ataa lançarem fora as mancebas mundairas e judeus e outras semelhantes, dizendo que, pois tais pessoas nom eram pera pelejar, que nom gastassem os mantiimentos aos defensores; mas isto nom aproveitava cousa que muito prestasse. (...) Andavom os moços de três e de quatro anos pedindo pam pela cidade por amor de Deos, como lhe ensinavam suas madres; e muitos nom tinham outra coisa que lhes dar senom lagrimas que com eles choravam, que era triste cousa de veer; e se lhes davom tamanho pam come uma noz, aviam-no por grande bem. Desfalecia o leite aaquelas que tiinham crianças a seus peitos, per mingua de mantiimentos; e veendo lazerar (sofrer privações) seus filhos a que acorrer nom podiam, choravam ameude sobr'eles a morte, ante que os a morte privasse da vida; e muitos esguardavam (contemplavam) as prezes alheias com chorosos olhos, por comprir o que a piedade manda; e, nom teendo de que lhes acorrer, caíam em dobrada tristeza; (...) e assi como é natural cousa a mão ir ameude onde see a door, assi uns homens falando com outros nom podiam em al departir (em outra coisa conversar) senom em na mingua*





[HTTP://CVC.INSTITUTO-CAMÕES.PT/LITERATURA/FERNÃOLOPES/HTM](http://cvc.instituto-camões.pt/literatura/fernãolopes.htm)

que cada um padecia.

Essa situação quase terminal findou de forma imprevista. Conta-nos Oliveira Martins: *Por fora a peste alastrava, porém, de cadáveres os ariais castelhanos; e quando, um dia, a rainha de Castela, pretende de Portugal, adoeceu também, os inimigos levantaram o cerco. O povo encontrava nisto motivos para crer numa proteção do céu* (História de Portugal, pg. 118, Guimarães Editores, 1987).

O Mestre de Avis, então, por força de uma revolução popular, subiu ao trono de Portugal como D. João I, dando início à Dinastia de Avis, que perdurou até o séc. XVII e que foi sucedida pela de Bragança. Quem vai, por via terrestre, de Lisboa a Coimbra, passa pelo Mosteiro da Batalha (de Aljubarrota), onde estão as tumbas dele, de sua esposa Filipa de Lancaster e de seus filhos, entre os quais o Infante d. Henrique, fundador da Escola de Sagres.

Outro exemplo do grande escritor que foi Fernão Lopes é a descrição do acolhimento do novo rei pela cidade do Porto. Rodrigues Lapa compara-a "à viveza duma tela flamenga": *Os desta cidade, sabendo que el-Rei avia de viir a ela, fizeram-se prestes de o receber, estabelecendo per mandamento que nem um nom usasse de seu ofício e que todos aquel dia cessassem dos acostumados trabalhos. O qual recebimento ordenarom desta guisa. Tôdaldas naos que erom no rio mui cedo pela menhã foram apendoadas de bandeiras e estendartes, e postos muitos ramos verdes em certos logares, onde cada um entendia que melhor podia parecer. Os batécs delas andavom todos enramados, com trombetas e pendões d'avante e de ree, fornidos de homees que os bem remavom, deles em camisas com sombreiros de rosas, outros de livres de ramos e flores, segundo se cada uus*

*melhor correger podiam. (...) As ruas per u el avia d'ir ataa os paaços u avia de pousar erom estradas de ramos e flores e ervas de boons cheiros, de guisa que do chão nom parecia neua cousa. As portas das casas destas ruas eram todas abertas e enramadas de louros e outros frescos ramos: deles pendiam u compria, outros tecidos tam espessamente que nom leixavom logar que todo nom fosse coberto. E esto podiam bem fazer naquel tempo ca (pois) era no mês de maio; e esforçava-se cada uu de vencer seu vezinho per corregimento de portal e sobrado, poendo aas portas defumaduras de tantos nobres cheiros, que bem podiam afugentar qualquer mao ar que fosse corrupto. As janelas das casas todas eram ocupadas com fermosas donas e molheres doutra condiçam, com gram desejo e amor de o veer, assi guarnidas de taes corregimentos, que fealdade e mao parecer nom ousou aquel dia entrar na cidade. (...) E el-Rei ia muito passo (devagar) pela cidade, ca nom podia doutra guisa, porque a gente era tanta por tôdaldas ruas polo veer, que parecia que se queriam afogar; e as donas que estavam aas janelas falavom altamente que o mantevesse Deos muitos anos e boôs, e que muita fosse sua vida e boa, e outras taes rezões; e em dizendo esto, lançavom de cima muitas rosas e flores e triigo e outras cousas. A qual festa e recebimento, desta guisa feita, demovia muitas delas a regar sua fermosas caras com doces e praziveis lagrimas. E assi foi el-Rei levado, com este prazer e ledice, aos paaços u avia de pousar; e as gentes se tomarom, festejando, cada uus pera suas casas.*

Fernão Lopes teve vida longa. Há documento comprobatório de que ainda existia em 1459. Legou-nos, com seu estilo colorido e vibrante, a narrativa de uma das épocas mais notáveis da história portuguesa.



# Grupo AFLECHA

Fundado em 2005, em Porto Alegre, Aflecha é um grupo de gravadores que privilegia a matriz em metal. Desde sua fundação dedica-se à realização de álbuns de gravura e minilivros que ilustram contos de autores brasileiros.

Entre outros prêmios, foi vencedor, juntamente com a Gráfica ANS, do Prêmio de Excelência Gráfica, em 2007, pela publicação do minilivro Quinta de São Romualdo, com gravuras que ilustram o conto de Simões Lopes Neto, de mesmo nome.

Em 2007 participou do ESSA POA É BOA, com mais de 50 artistas convidados, com o projeto M'Boitatá, obra de 25m em tecido com armação de arame com

técnica semelhante à xilogravura, sobre o conto/lenda homônimo do mesmo autor.

Em 2008, entre outros projetos desenvolvidos, expôs no Gasômetro na sala

Iberê Camargo, Álbuns de Porto Alegre com apresentação das obras de 2006, 2007 e lançamento do álbum 2008.

Em outubro/novembro do mesmo ano, expôs o Projeto Trinca, no MARGS, POA. Apresentação dos minilivros: A 3ª margem do rio, conto de Guimarães Rosa; Idéias de Canário, conto de Machado de Assis, e o já citado conto de Simões Lopes Neto.

Em 2009 aparece com 3 indicações para o III Açorianos pelos projetos desenvolvidos em 2008.

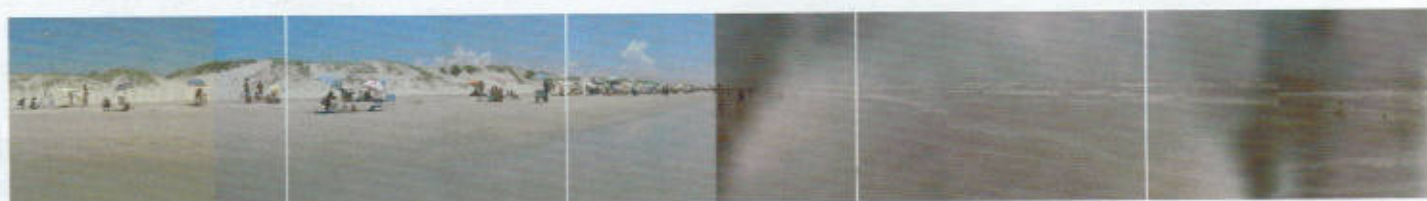
O grupo AFLECHA, de Porto Alegre, é formado pelos seguintes artistas: Cylene Dalgrave, Eda Lani, Lília Manfroi, Mabel Fontana, Marcos Sanches, Márcia Tiburi e Maria Tomaselli. Outros artistas participaram da sua formação em anos anteriores: Eliane Santos Rocha, Paulo Olszewski e Rodrigo Pecci.



PARA CONHECER MELHOR O PROJETO, ACESSO:  
[HTTP://WWW.AFLECHA.COM/LIVRINHO-ROMULADO.HTM](http://www.aflecha.com/livrinho-romulado.htm)



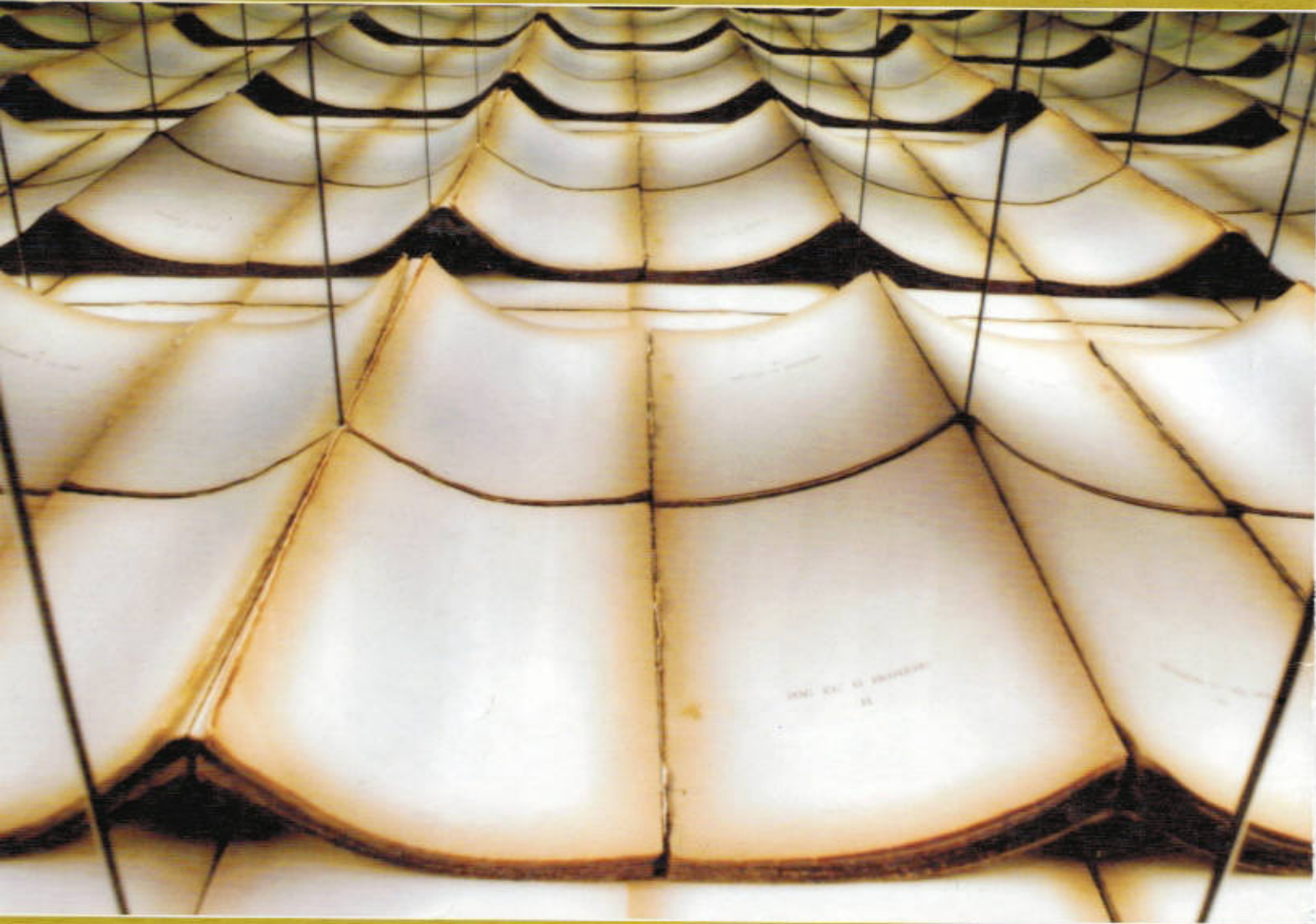




**Dânia Moreira** As obras da artista apresentam quase sempre pinturas em diálogo com outras formas de produção de imagens, como fotografias e imagens digitais. Inseridas na tela, ou mesmo apresentadas através da justaposição em suportes variados, a relação das imagens remete sempre a questões relativas ao lugar – compreendido como um espaço possuidor de significados.

A artista, graduada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS, é arquiteta e mestre em Arquitetura (PROPAR\_UFRGS), e atua como professora substituta do Dep. de Design e Expressão Gráfica da FAU-UFRGS.





**AJURIS**

Associação dos Juizes  
do Rio Grande do Sul

PROGRAMA  
**DivulgaArte**